

ISBN: 978-65-86558-32-6



Comissão Permanente
de Publicações Oficiais
e Institucionais da UFSCar



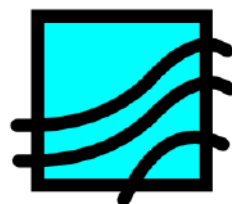
Ribeirão Preto pelo Olhar de Tony Miyasaka



Comissão Permanente
de Publicações Oficiais
e Institucionais da UFSCar



PRODUÇÃO:



PPGEU / UFSCar



Reitora

Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitora

Maria de Jesus Dutra dos Reis

Edição em Versão Digital_
Revisada e Ampliada

APOIO:



Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem permissão expressa dos autores.

A Produção agradece à Edilah Lacerda Biagi, UNAERP, Jornal A Cidade, São Francisco Gráfica e Editora, Kodak, Pentax e Nikon_T.Tanaka que viabilizaram o primeiro livro lançado de 2006.

Foto da Capa: Tony Miyasaka registrando aniversário da cidade na Praça XV de Novembro.

Data: década de 1950

Coordenação
Tereza Keiko Murakawa Miyasaka
Elza Luli Miyasaka



Ribeirão Preto pelo Olhar de Tony Miyasaka

Edição Revisada e Ampliada
São Carlos
2021

Princípio de 1970. Vindo do litoral, começando o curso de Medicina e morando na Casa dos Estudantes. Entre múltiplas e vagas ideias do que fazer, a vontade de aprender a tirar fotografia.

Um amigo tinha uma *Olympus Pen* e tratamos de pôr mãos à obra.

Fui em busca de filme (pelo menos disso eu sabia que precisava) e entrei na Loja Miyasaka, na Tibiriçá, próxima do ponto de ônibus da linha Monte Alegre, em frente da igreja. Referências fáceis para quem não conhecia nada da cidade.

E foi assim que conheci o "seu" Tony.

Nos meses que se seguiram tornei-me assíduo da loja, sempre aproveitando as informações que ele não se furtava a dar. E fui me aproximando daquele japonês, que gesticulava e falava mais que o habitual para um oriental. Falava entusiasmadamente sobre fotografia. Não falava das dificuldades da infância e de como deu duro até chegarem, ele e o irmão Kazuo, ao ponto em que estavam.

Ao longo dos anos, fui aprendendo a admirar sua integridade como pessoa e como comerciante. Desnecessário citar suas habilidades profissionais e artísticas.

Ele sempre via algo de bom nas pessoas e elas se esforçavam por corresponder às expectativas.

Nunca ouvi "seu" Tony, mesmo em conversas informais e privadas, falar um palavrão. Nunca o ouvi fazer um comentário machista. E, sem nenhum exibicionismo, era generoso.

Foi generoso comigo. Mais que uma vez. Atribuiu a mim, no prefácio de uma apostila sobre fotografia para iniciantes, que viria a se tornar umas das marcas da Loja Miyasaka.

A ideia do curso surgiu em meados de 1973, logo após presenciarmos o atendimento, no balcão da loja, de alguém que ganhava a vida tirando fotos. Fotografava pessoas na praça, em *slides* de tamanho reduzido, que eram colocadas em pequenos monóculos plásticos e vendidos. Fora o ato de apertar o botão, o processo todo estava fora do controle do profissional. A máquina se encarregava de foco e qualidade de luz; a

balconista tirava o filme da máquina; determinava a revelação e montagem nos monóculos; e colocava outro filme. E o nosso profissional saía para ganhar a vida.

Mais cético, comentei: "*Se um profissional sabe tão pouco de fotografia, o que dirá um amador!*" E "seu" Tony respondeu: "*Então vamos mudar isso. Vamos fazer um curso*". Quer ajudar?" Fiquei encarregado de investigar as origens da fotografia e ele cuidaria do restante.

Numa época sem internet, as origens da fotografia revelaram-se um tanto quanto magras, pelo menos na minha visão, mas tudo bem: começamos com menos de um carrossel de projetor de slides, que "seu" Tony encarregou-se de ampliar até quase uma dezena, acrescentar som e por aí afora.

Abriu sua casa para mim, permitindo-me conviver com seus filhos e dona Tereza, e tinha prazer em me convidar para "*filar bóia*".

Frequentemente. Acho que nossa amizade lhe saiu caro, nessa época...

Após formado, eu não aparecia na loja com a frequência que desejava, para bater papo enquanto se tomava um café.

Com o desenrolar das atividades, fui embora de Ribeirão e fiquei dez anos fora, tendo contato apenas nas férias.

Ao voltar, tornei a frequentar a loja, também para ouvir e aprender sobre fotografia, mas de modo ocasional. Afinal, você sabe que seu amigo está lá. Não precisa passar todos os dias para confirmar.

Como todos dizem, mas ninguém acredita, o tempo passa depressa. Ou talvez, nós passemos. E sempre depressa demais para que tenhamos tempo de dizer ao amigo o quanto o admiramos.

Estou dizendo agora.

Nilson Hermida Maestre

(Texto da orelha)

In Memoriam
Kazuo
Tony



Ficha Técnica

Supervisão Geral

Tereza Keiko Murakawa Miyasaka
Elza Luli Miyasaka

Assistente de Produção | Restauração de Fotos

Gustavo Reis

Direção de Arte | Projeto Gráfico

Elza Luli Miyasaka

Revisão de Textos

Alice Gomes Heck
Viviane Gomes Drigo Alves

Textos

Nilson Hermida Maestre
Carolina Maria Pozzi de Castro
Kelly Cristina Magalhães
Luciana Márcia Gonçalves
Elza Luli Miyasaka
Sandra Regina Mota Silva
Érico Masiero
Tania Registro
Marco Antônio de Almeida
Giulia Crippa

Revisão Geral

Erika Moretini

Desenhos

Tom Miyasaka

Fotografias

Foto Miyasaka

Digitalização

Tony Miyasaka Foto Vídeo
Som Ltda.

Pesquisa e Catalogação

Tânia Registro

Produção

Leila Heck

Colaboração

Akio Tony Miyasaka
Luiz Yukio Miyasaka
Alberto Minoru Miyasaka
Cristina Akemi Miyasaka

Ficha Catalográfica

Normalização e Ficha catalográfica: Marina P de Freitas CRB-8/6069

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Ribeirão Preto pelo olhar de Tony Miyasaka / organizadores:
Tereza Keiko Murakawa Miyasaka, Elza Luli Miyasaka. —
São Carlos : UFSCar/CPOI, 2021.
138 p.

ISBN: 978-65-86558-32-6

1. Ribeirão Preto – Fotografias. 2. Ribeirão Preto –
História anos 50 e 60. 3. Tony Miyasaka – fotógrafo. I. Título.

PREFÁCIO

A primeira versão de **Ribeirão Preto pelo olhar de Tony Miyasaka** é de 2006 e nasceu a partir de muitas conversas e da amizade entre Tânia Registro e Elza Miyasaka. Tínhamos o desejo de organizar o acervo e publicarmos algumas fotos, mas o livro finalizado adquiriu maiores proporções. A elaboração da primeira edição nos deu a oportunidade de “re-conhecer” Tony como profissional e como ator social; obviamente, isso não estava descolado de sua vivência familiar, uma vez que as atividades da loja sempre estiveram presentes na família, quando ele trazia clientes ou vendedores para almoçar em casa ou quando centenas de fotografias eram lavadas no quintal, como contam os depoimentos de Tereza, esposa de Tony.

Re-conhecer Tony Miyasaka significou várias descobertas para a família e os filhos.

Em entrevista com Takeshi (irmão mais velho de Tony), ele nos contou sobre as dificuldades vividas para iniciar os trabalhos da família. Como aprendiz, ficou hospedado em uma loja/estúdio de fotografia e, muitas vezes, tinha como sobremesa apenas meia banana e, ao pedir a outra metade, essa lhe era negada. Após 1 ano de aprendizado nessa empresa, voltou para casa e disse para o pai que estava pronto para iniciar os trabalhos de fotografia. Seu pai ordenou que voltasse ao treinamento e ficasse lá por mais um ano, em agradecimento ao conhecimento adquirido, ato da cultura japonesa que demonstra o respeito e a valorização pelo aprendizado.

Outro depoimento foi do Sr. Wilson Gomes (técnico em eletrônica), que nos descreveu como conheceu Tony Miyasaka. Em uma visita à loja da Visconde Inhaúma, ao entrar nos fundos, encontrou Tony sentado em frente de uma impressora colorida, sem camisa e com um pé de sapato sobre a mesa. Ao observar a cena por alguns minutos, verificou que, de tempos em tempos, a máquina travava e ele utilizava o sapato para bater no equipamento e, assim, destravá-lo. A partir daí, o Sr. Wilson se ofereceu para calibrar e arrumar a impressora. Assim iniciou-se a relação entre ambos, que se tornaria uma rica parceria, a ponto de quase terem chegado a um processamento automatizado de diapositivos.

Uma das situações mais emocionantes foi quando estávamos organizando o acervo e lá havia uma folha de álbum com uma foto da família colada. Ao

retirarmos a foto, descobrimos uma carta de meu pai aos filhos ...

Meus queridos filhos, Tonyinho, Luizinho, Elza, Minoru e Cristina,

Juntamente com mamãe, vocês construirão uma família unida, digna da sociedade em que vivem. Tenho certeza de que vocês serão homens cuja passagem pelo mundo seja um verdadeiro orgulho.

Com eterno abraço do pai

...choramos muito.

Agora o livro, lançado com atualizações em formato digital por meio do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana – PPGEU – da Universidade de São Carlos – UFSCar –, com o apoio e a infraestrutura da Editora da UFSCar e da Biblioteca Central, amplia as possibilidades e abrangência da fotografia produzida por Tony Miyasaka. Por meio da divulgação dos exemplares em acesso aberto, almejamos que este patrimônio imagético alcance diferentes públicos, para apreciação e pesquisa.

Além disso, nos últimos anos, o acervo de 25.000 fotos e negativos – fotografias aéreas coloridas de Ribeirão Preto, produzidas entre 1990 e 2004 – foi doado pela família ao Grupo de Pesquisa Gestão do Ambiente Urbanizado – GESTAU – e se encontra em processo de digitalização para, posteriormente, ser disponibilizado, com a finalidade de gerar novos conhecimentos para a ciência e para a coletividade.

Nesta edição, além das fotos e dos textos anteriores, alguns pesquisadores do PPGEU foram convidados para fazer ensaios sobre a cidade, a fotografia, a paisagem e o cotidiano. Foi incluído também um artigo inédito sobre a história dos fotógrafos de Ribeirão Preto, desde o século XIX até Tony Miyasaka.

Assim, esperamos que este livro traga boas recordações e memórias àqueles que o visitarem, contribuindo para mais uma etapa no longo caminho em prol da preservação da história e do pertencimento que segue com a publicação deste livro.

julho de 2021

Elza Luli Miyasaka e Tânia Registro

AGRADECIMENTOS

A black and white illustration of a man in profile, facing right. He is wearing a tuxedo with a bow tie and glasses. He holds a camera in his left hand and a bag with a strap over his right shoulder. The background is white with some faint, partially visible text from the adjacent page.

APRESENTAÇÃO

Tony Miyasaka estabeleceu com a cidade de Ribeirão Preto uma relação de profundo afeto. Entrelaçando sua biografia com a história da cidade, produziu ao longo de sua vida um extenso registro de sua gente e das suas paisagens. Um legado de agradecimento que ele, pessoalmente, guardou e identificou meses antes do seu falecimento.

A presente publicação traz à luz uma pequena parte desse legado, apresentando imagens de Ribeirão Preto nos anos 50 e 60.

O profissional Tony Miyasaka, perfeccionista, eterno curioso e pronto a aprender o novo, a dominar as novas técnicas da sua grande paixão: a fotografia. E foi por meio da fotografia que Tony sustentou sua família, deu vazão à sua sensibilidade artística e selou sua relação de amor com cidade de Ribeirão Preto.

Durante sua carreira como fotógrafo, Tony transitou do negativo de vidro às fotografias digitais. Iniciado pelos irmãos mais velhos, o seu primeiro contato com a fotografia foi como auxiliar nos serviços de reprodução, retoque e restauração de fotos antigas, arte esta dominada com maestria por seu irmão Kazuo; esse era o tempo das pesadas máquinas tipo caixão e negativos de vidro. Leitor ávido de manuais técnicos, acompanhou com entusiasmo o rápido desenvolvimento das tecnologias fotográficas.

Tony Miyasaka, o fotógrafo, continuamente atualizava e aperfeiçoava seu conhecimento dos equipamentos e técnicas. Aberto à assimilação de novas possibilidades, introduziu nos anos 1950, o serviço de reportagem fotográfica, até então inexistente na cidade. Se antes as noivas, as debutantes, os padrinhos e afilhados tinham que se deslocar até o estúdio para serem fotografados, já em 1955, os serviços de reportagem da empresa *Sakuma Miyasaka e Filhos* monopolizavam não somente Ribeirão Preto, mas toda a região da Alta Mogiana, fotografando festas e bailes de formatura, casamentos, aniversários, comemorações etc.

Em 1958 fotografava e filmava em cores e, em 1964, iniciou em Ribeirão Preto a revelação e ampliação de fotos coloridas em laboratório próprio,

transformando numa verdadeira coqueluche na cidade a "*Pose Colorida do Miyasaka*".

No comércio de equipamentos fotográficos, sempre primou em oferecer as melhores máquinas, em diversos formatos, tamanhos preços, procurando assim satisfazer profissionais e amadores. Na prestação de serviços de processamento fotográfico, acompanhava pessoalmente todo o processo, da revelação à ampliação. Tão grande era a sua exigência na execução dos serviços que, muitas vezes, clientes boquiabertos o viam rasgar as ampliações, desculpar-se e refazer todo o trabalho.

Apaixonado pelas artes, pelo cinema, pela música, instalou em 1975 uma Galeria de Arte junto à loja na Av. Nove de Julho n. 329, gesto este pioneiro na cidade.

O professor de fotografia Tony Miyasaka formou cerca de 30 mil alunos. O Curso de Fotografia para amadores, por ele iniciado nos anos 1970, num canto improvisado na loja da rua Tibiriçá, perdurou até seu falecimento em 2004. Nos últimos anos, o curso era realizado num espaço da sua residência, demonstrando o quão importante era a arte de ensinar, acolhendo esta atividade junto ao seu próprio lar. A seu filho Tony coube dar continuidade ao curso.

Um cidadão engajado e participativo nas diversas instituições em que se envolveu, como Rotary Clube, ALARP - Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto, Cine Foto Clube, entre outras. Esses lugares eram seus espaços para a troca de ideias e de mobilização para a promoção do bem-estar social.

Para a família, são muitos os sentimentos que afloram quando evocadas as lembranças do esposo e do pai Tony Miyasaka: pai zeloso e sempre exigente com o estudo e o trabalho dos filhos; esposo amoroso, amigo e companheiro.

Um imigrante japonês que por meio do trabalho construiu seu nome, cultivou amizades e respeito profissional. Um homem comum que guardava a grandeza das pessoas simples.

Tereza Keiko Murakawa Miyasaka

Tony Miyasaka, o narrador de um tempo

Carolina Maria Pozzi de Castro

Kelly Cristina Magalhães

O fotógrafo é o narrador de um tempo e, por mais distante que pareçamos dele, ele nos é familiar. A imagem registrada na fotografia, objeto material, e como portadora de significados, é algo que nos aproxima da sua narrativa. Trazer a fotografia de Tony Miyasaka mais para perto de nós é o exercício de evidenciar elementos constitutivos de sua experiência e de sua interpretação sobre a cidade, para então aproximarmos-nos de uma cartografia imaginária, própria de nosso narrador, e desvendar a expressão dessa materialidade e imaterialidade própria do ato de fotografar.

Do mesmo modo, o exercício do fotógrafo, pleno de verbalizações através da imagem, a fotografia sugere um ato de amor pela cidade. Narrativa que está presente e não distante, costurando os elos da vida social, política e religiosa, de comportamento e de futuro, nas projeções que ela sugere. A fotografia se coloca como o espaço representado, conceito imprescindível para evidenciar diferentes sentidos e significados sociais e históricos, que de outra forma poderiam permanecer ocultos, mas aqui estão presentes. Ela é um nó na linha do tempo, é o dom de fixar o movimento. Enquanto o cinema traz o movimento, a fotografia traz o instante, para que o olhar contemplante narre o “antes e o depois”.

Transitoriedade, fragmentação e perenidade, estão no campo do fazer e construir a leitura da cidade pelo fotógrafo. As expectativas para o despertar de novos pontos de vistas, e daqueles ainda não percebidos, colocam-se como temas possíveis, revelando um olhar para o futuro pleno de questionamentos sobre a realidade.

Neste sentido, a transitoriedade, do vir-a-ser imbricado no campo do fantástico e do onírico, marcam tanto a necessidade do fotógrafo sair à rua, influenciado pela linguagem do cinema, quanto de sua disponibilidade de envolvimento do registro congelado do tempo, fragmento da vida cotidiana que se transforma em imagem perene.

O acervo apresentado no livro *O olhar de Tony sobre Ribeirão Preto* revela a admiração do fotógrafo pela cidade e registra as grandes transformações dos anos 1960, marcadas pelos novos investimentos em equipamentos comerciais, institucionais, de lazer e cultura que denotaram a sua potência no período para a história urbana e sua pujança na região, que motivaram os temas apresentados.

O olhar acurado e rigoroso de Tony permitiu uma captura de cenas urbanas em várias escalas, desde a cena da vivacidade da área central e de seus logradouros, às fachadas e vitrines até às amplas perspectivas da verticalização modernista que surgia; transbordando para as periferias da cidade, que acolhiam as unidades da USP- Escola de Odontologia e Faculdade de Medicina, os novos loteamentos e os conjuntos habitacionais, bem como a grandiosidade dos estádios de futebol. Dedicou-se a registrar ainda os momentos históricos em que protagonizavam a antiga Estação da Estrada de Ferro da Companhia Mogiana e o Rodoviarismo, que tomava seu lugar, lado a lado ao Modernismo e ao novo estilo de vida.

Nas suas composições são abundantes as formas geométricas e de desenho com as linhas, bem como os contrastes do meio iluminado e do escuro, registrados em tons de cinza. Elas trazem elementos antigos e modernos da arquitetura, dos espaços abertos e dos interiores, da paisagem urbana e da intimidade, bem como do campo e da cidade. Há fotos que são marcadas por um olhar que busca emoldurar as cenas com uma preocupação de embelezamento, tipicamente explorada pelos Cineclubistas da época, graças a sua atuação junto ao Cine Fotoclube de Ribeirão Preto.

O trabalho do Tony é um tributo ao *belo humano*, que aprecia ângulos da modernidade e do novo ao interpretar Ribeirão Preto. Uma visão mais especializada o colocaria, certamente, ao lado de importantes fotógrafos brasileiros citados

por Virgínia Albertini, tais como Haruo Ohara, Guilherme Gaensly, Vincenzo Pastore, Thomaz Farkas e Theodor Preising. Todos eram imigrantes que terminaram suas vidas em São Paulo, com exceção de Haruo Ohara que viveu e faleceu em Londrina.

Por suas particularidades e beleza, torna-se imprescindível observar as fotos de Tony como testemunha do trabalho que ele exercia com maestria pelo domínio da técnica e da câmera, documentando e construindo a memória da cidade. O belo em sua fotografia é a objetividade. Contudo, a sua expressão artística na melhor mirada, procurava sempre captar o jogo de luz e sombra, enriquecido pelas escalas de cinza.

A seleção de imagens que consta do livro *Ribeirão Preto pelo Olhar de Tony Miyasaka* nos revela em parte o fotógrafo, em parte o olhar posto sobre sua obra. Aos poucos, aquilo que deveria ser revelado como real é substituído por uma dimensão do sonho e do afeto pela imagem, devotada por Elza Miyasaka, curadora do acervo do livro, criado e recriado pelos mecanismos postos à mão pelo narrador/fotógrafo e pela recortes feitos a posteriori.

Isto nos dá liberdade, como exercício do olhar contemplante, de fazer nossa reverência ao trabalho do fotógrafo, diante de exemplares únicos tão cativantes presentes neste acervo, tais como a fotografia da Laguna Comércio e Indústria p. 53, Frigorífico Morandi p. 60 e 61, Estação Mogiana p. 67, Santa Casa p. 77, Edifício Meira Júnior p. 79, Construção do Estádio Santa Cruz p. 82, Cine Santa Terezinha p. 84, Cerâmica São Luís p. 93, Igreja Santo Antônio p. 95, Lojas Americanas p. 98, Banco Itaú p. 101, Aviação Cometa p. 102, Sesc (vista posterior do Sesc) p. 111.

O nosso *olhar contemplante* está em constante aprimoramento. Desse exercício sobre o

acervo aqui apresentado, a foto intitulada pela curadora como Edifício Meira Júnior, narra um tempo sobre a cidade de Ribeirão Preto. Proporciona a experiência cenestésica de olhar a arte na fotografia de Tony, em que a arquitetura em sua dimensão histórica é o plano de fundo para a vida urbana em constante movimento. Assim, a fotografia aqui, nos aproxima do cotidiano do mundo urbano, que esteve nas preferências de temas abordados pelo nosso narrador.

Referências:

CASTRO, C.M.P. de Virgínia Albertini. Entrevistada Virgínia Albertini. Google meet, 4 de abril de 2021.

Sesc Ideias - A Foto Como Experiência: Formando Novos Olhares a Partir de Viagens, Celso Oliveira, Ed Viggiani, Mediação de Dilmar Miranda, acessada dia 19 de abril de 2021, <https://www.youtube.com/watch?v=fhVlqKhggUU>.



Edifício Meira Junior p.79

Cenas fugazes e registros perenes

Sandra Regina Mota Silva

Diferentes paisagens e cenas urbanas protagonizam histórias, povoam memórias e reforçam identidades que se materializam e se transformam segundo atuação das forças do tempo. A fotografia, enquanto ferramenta de registro da especificidade momentânea, detém expressivo potencial de revelar, documentar e testemunhar determinados contextos. Observa-se, aqui, uma relação ambígua que tensiona duas forças aparentemente antagônicas. A fugacidade e a perenidade são parte de uma lógica que permeia o transitório e o permanente, alimentada pelo inerente e inexorável processo de transformação da vida urbana. Conjugando tempo e espaço, a dinâmica resultante dessa dualidade está presente na expressiva obra de Tony Miyasaka que, ao longo de quatro décadas, registrou diferentes aspectos do cotidiano de uma cidade, notadamente nos anos 1950 e 1960, conforme documentados nessa publicação.

A 1ª edição de *Ribeirão Preto pelo olhar de Tony Miyasaka* é de 2006 e, além das imagens e textos de apresentação, foram também selecionados pela curadoria da obra, três pequenos artigos do próprio Tony, publicados no Jornal *A Cidade* de Ribeirão Preto em 2002, 2003 e 2004, seus últimos anos de vida. Assim como as imagens, os artigos de sua autoria, nessa fase de maior maturidade, estão impregnados dessa dualidade revelada nos seus registros, perseguindo o momento, mesmo que transitório, a partir de uma percepção e sensibilidade que escolhe enquadramentos e captura flagrantes de um meio urbano em transformação. A organização e a difusão de uma parte de seu extenso acervo de imagens, concretiza a materialidade dessa interação que articula a fugacidade momentânea da fotografia com a perenidade de sua fruição em publicações e outros meios.

Se abordados cronologicamente, o artigo de 2002, intitulado *Virtude Fotográfica* destaca a importância da "simplicidade". Com ela o autor valoriza a obtenção de um minimalismo pictórico, buscando extrair a essência do objeto fotografado, como o enquadramento adotado para a imagem do Cine São Paulo, da vista da piscina da Sociedade Recreativa, do edifício Banco Itaú, dos postos

de serviços Shell e Sumaré, ou da entrada da Cerâmica São Luiz, dentre outras. Paralelamente, no âmbito da arquitetura modernista, que evoca concepções desprovidas de ornamentos e superficialidades, o despojamento de acessórios trouxe a consagração da simplicidade refletida, planejada, dando visibilidade aos novos materiais, às técnicas inovadoras e aos procedimentos decorrentes de avanços gestados em tempos transformadores.

Mergulhada nesse contexto, a obra de Tony retrata, expressa e conecta a linguagem modernista ao espírito desenvolvimentista que agitava setores culturais, políticos, econômicos e sociais naquelas décadas. Havia um país que sonhava com um futuro de pujança e progresso a partir de sua indústria nascente, das reformas de base, do comércio promissor, de grandes obras rodoviárias, do advento de uma nova capital, das cidades se verticalizando e se espalhando. A atração das oportunidades impulsionadas na vida moderna anunciava confortos e melhorias segundo perspectivas de progresso e transformação como expressam as imagens da construção do Cine Centenário, do Edifício Comercial do Estado de SP e a Esplanada do Teatro Pedro II, além dos estádios e escolas de ensino superior (Faculdades de Medicina, Odontologia e Farmácia).

As vibrantes vitrines acenam com as possibilidades de consumo para as faixas de renda em ascensão, como ilustram as imagens da premiada vitrine da loja "Manequim Modas", a luminosa fachada de "A Modelar - Presentes Finos" ou a abundância reluzente das prateleiras e gôndolas das "Lojas Americanas".

A ocupação do território em expansão, traduzíveis nas imagens aéreas do Residencial Indaiá, da Vila Virgínia e do Loteamento Ribeirânia, feitas na década de 1960, são promessas de uma expansão detentora de dignidade e melhoria de vida, sem resquícios ou traços aparentes das condições de precariedade urbanística e vulnerabilidade social que, atualmente, se espalham nas periferias de Ribeirão Preto e demais cidades brasileiras, confirmando a perversa intensidade da segregação socioespacial.

O artigo de 2003, intitulado “Porque Fotografamos” alerta para a transitoriedade de cada momento e a premência de seu registro instantâneo, contrapondo tal fugacidade à necessária fixação material, via fotografia, de tempos céleres, que nunca permanecem, reforçando a dualidade do permanente e o transitório. O registro de um acidente de trânsito em uma esquina urbana pode testemunhar, tanto as avarias veiculares e demais prejuízos materiais, como o burburinho gerado pela curiosidade de transeuntes nem tão apressados. A imagem da Agência VASP em período natalino noturno, é emblemática dessa modernidade difusa no ambiente amplo, limpo e ordenado, espelho do transporte elitizado, em que a elegante figura feminina de borda é quase imperceptível, rarefeita e etérea na amplitude da saia leve de voil branco.

O artigo de 2004, publicado dois meses antes de seu falecimento, retoma a fugacidade do momento e se expressa, metaforicamente, no título “Fotografando – Uma folha que cai”. Inspirado pelo livro de autoria de um amigo, sua descrição da fase final de vida de uma folha até seu derradeiro descarte é revelada sob duas camadas de percepção. Na primeira, a imagem poética do desgarrar da folha é acompanhada pelas reflexões acerca dos melhores recursos técnicos fotográficos, capazes de expressar o movimento daquela transformação esperada. Na segunda camada de percepção, subjacente às estratégias do fotógrafo, emerge a importância de uma existência em todas as fases, até mesmo no momento em que a folha amarela se destaca do galho e pousa no chão, se preparando para a partida definitiva.

Tony Miyasaka, o fotógrafo que vivenciou, documentou e revelou seu tempo e espaço, registrando imagens, retratos, cenas urbanas na escala da rua e na escala do céu, percorreu o transitório, captou o instantâneo e se perenizou no potente conjunto de sua obra.



Acidente de trânsito na Av. Jerônimo Gonçalves esquina com Rua General Osório p. 114



VASP p. 97

Interpretação e reinterpretação da cidade

Erico Masiero

A fotografia possui o poder de despertar diferentes sensações no observador, que podem ir da aflição ao deleite, da nostalgia à esperança, do medo à felicidade. Mesmo que um observador nunca tenha estado nos locais fotografados, é possível que este ainda faça algum juízo de valor sobre a cena. Tendo em vista uma reação intrinsecamente humana de atribuir significado àquilo que nos cerca, o fotógrafo se apropria da realidade para direcionar novas interpretações a um recorte da realidade, trabalhando a luz e os objetos retratados como em uma poesia.

Ao manipular formas, sob diferentes condições de luz e contrastes de cores, recorre a recursos narrativos para contar histórias, aguçar a curiosidade, provocar o prazer ou a repulsa, se assim desejar. Ou seja, metáforas, antíteses, metonímias são também recursos usados para despertar sensações humanas através de imagens.

Ao passearmos pelas fotografias urbanas selecionadas neste livro, é possível constatar diversas referências visuais e relações íntimas com o momento histórico das décadas de 1950 e 1960 e, sobretudo, uma nítida preocupação com a objetividade da mensagem através de cenas urbanas. Ordem, simetria e figuras de linguagem se equilibram na busca pela perfeição e beleza no rico trabalho do fotógrafo Tony Miyasaka sobre a urbanidade de Ribeirão Preto/SP. É sobre este aspecto que gostaria de provocar algumas reflexões a partir do conjunto da obra e de imagens que se tornaram icônicas da cidade e da região.

Recorro ao termo urbanidade pois salta aos olhos nas imagens do livro a busca pela apresentação de ordem e civilidade, sem se esquecer da poesia. Contudo, a formação das cidades se baseia na antítese entre processos conflituosos e colaborativos humanos, em um contexto marcado pelo desenvolvimentismo do final da década de 1950 no Brasil.

Assim como o pintor e paisagista, Frans Post, um dos principais responsáveis por retratar o Brasil no início da ocupação Holandesa em Pernambuco

em 1637, cujo trabalho deu origem às primeiras imagens do Novo Mundo, o fotógrafo Tony Miyasaka foi um dos pioneiros da imagem ao desbravar uma região do interior do Estado de São Paulo para registrar as transformações de um território predominantemente agrário em cosmopolita em poucas décadas.

Para consolidar esta missão, o artista procura alimentar seu processo criativo através da observação da realidade, sem, contudo, se comprometer em retratá-la fielmente, afinal de contas, a realidade depende de interpretações e reinterpretações.

Em todas as etapas do processo de criação artística, há lacunas do pensamento que, de alguma forma, as compensamos com interpretações pessoais provenientes da nossa cultura, experiências e imaginação. Tais interpretações são aperfeiçoadas com o intuito de comunicar alguma mensagem que promova emoção e reflexão ao observador.

As imagens urbanas, registradas pelas lentes do fotógrafo, traduzem o que de fato deve ser ressaltado naquele momento histórico, logo, conhecemos o passado através do enquadramento daquilo que se julga importante para uma determinada época. Desta maneira, estas imagens buscam idealizar a cidade em momentos singulares e estáticos os quais jamais se repetirão. São registros que representam valores da época e, sobretudo, como as pessoas desta região gostariam de ser reconhecidas pelo mundo.

Conforme a história se desenrola, a obra fotográfica se completa no observador, que a reinterpreta constantemente e atribui inúmeros significados que podem ir muito além das intenções do fotógrafo. Muitos locais retratam um passado que foi transformado pelos diversos ciclos sociais, econômicos e culturais, e, portanto, não são mais reconhecidos como antes. Em alguns casos, há imagens que julgamos ser até de outros lugares, em outras culturas, em outros contextos, o que pode provocar uma sensação desconfortável no observador, sendo que muitos

podem se perguntar se se tratavam de cenários ou de realidade.

O espanto e o desconforto frente às drásticas alterações urbanas através do tempo provocam mudanças em nosso senso de pertencimento, que contribuem para a constante alteração em nossos ideais e valores de vida. Se tal desconforto, por um lado, nos deixa inseguros quanto ao nosso destino, por outro, somos recompensados pelo despertar da esperança de uma nova condição humana. É por isso que, ao alterarmos a cidade, só nos resta reinterpretar o passado através da arte.

Embora figuras humanas sejam pouco frequentes na coletânea de imagens urbanas e, quando aparecem, estão quase sempre em segundo plano, tais registros reforçam as diversas conquistas no território que nos fazem reconhecer como civilização. É possível identificar obras de implantação da infraestrutura urbana, de abertura de vias, de implantação de indústrias, entre outras atividades humanas. Reconhecemos as marcas das diversas culturas presentes na região, através da intervenção dos imigrantes na arquitetura dos edifícios neoclássicos, ecléticos, art nouveau, art déco, modernistas, contemporâneos e até com resquícios de um modo de vida rural e bucólico. Sobre este aspecto, destaco que aquilo que está sendo apresentado prioritariamente são obras coletivas, que vão além das conquistas individuais.

É inegável que para produzir tais imagens que representam um determinado período, em um contexto local, são necessárias boas doses de dedicação na observação da condição humana no seu habitat, muita sensibilidade artística e, principalmente, criatividade para se registrar aquilo que está além do óbvio. Extrair beleza e perfeição do cotidiano é tarefa complexa, pois envolve conhecimentos sobre o ser humano e sobre a geografia local, além de domínio técnico sobre o ato de fotografar. Dedicação, inquietude, observação, sensibilidade

e criatividade são fatores essenciais e identificáveis neste conjunto da obra. A beleza é o resultado do atrito e da harmonia entre tais elementos.

Fotografar é um ato de amor, por isso idealizamos o objeto fotografado e queremos invariavelmente extrair o melhor dele. Nenhuma tecnologia, nenhuma câmera fotográfica, por mais especial que seja, substituirá a sensibilidade humana ao registrar algo. Fotografamos para ressignificar a vida, para traduzir a realidade e transformá-la em magia, buscando superar a condição humana que se sublima através da beleza.



Esplanada do Teatro Pedro II p. 72

A cidade e sua imagem

Luciana Marcia Gonçalves

Elza Luli Miyasaka

*Olhar para as cidades pode dar um prazer especial,
por mais comum que possa ser o panorama.
(LYNCH, 1960).*

A fotografia e as suas derivações têm sido um dos principais instrumentos nas pesquisas em diversas áreas, como no setor das tecnologias, da história, de antropologias e sociologias e nas investigações biológicas. Aqui, entretanto, a atenção se volta para o potencial da fotografia enquanto arte, retrato de um cotidiano e expressão do espaço da cidade. Os registros realizados por Tony Miyasaka na década de 1960 são a janela pela qual é possível verificar as transformações, as sensações e a paisagem urbana de Ribeirão Preto.

A fotografia carrega informações capazes de contribuir para a construção da história e consequente apropriação da noção de pertencimento e cidadania dos indivíduos. Como referem as autoras, “para além das funções de legitimação, a compreensão e ordenação do passado produzem sentimentos de tranquilidade e segurança. [...]” (CARVALHO & LIMA, 1999, p. 212).

A região de Ribeirão Preto ficou conhecida como “Terra Roxa” devido à cor de seu solo. Iniciou seu povoamento por estar na rota dos bandeirantes, que buscavam ouro, pedras preciosas e escravos em Goiás e Mato Grosso, e era local de descanso de tropeiros que seguiam para Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (Cione, 1987). No século 19 e início do século 20, a cidade foi referência no circuito cultural e econômico do estado, o que subsidiou o palco que Tony Miyasaka viveria nas décadas subsequentes.

As imagens da cidade que mostram o quadrilátero central, compreendido pelas avenidas Independência, Nove de Julho, Francisco Junqueira e Jerônimo Gonçalves, são o cenário dos principais acontecimentos urbanos na década de 1960, pois a cidade ainda era um núcleo de urbanização concentrada. As fotos de prédios e espaços urbanos são como imagens de um quebra-cabeça, que demonstram, em segmentos,

as mudanças que ocorriam no cotidiano da história e da paisagem.

Os limites do antigo centro, agora rumo ao centro histórico expandido, são ultrapassados pelos intensos investimentos imobiliários das décadas de 1970 e 1980. A cidade avança na zona sul, com a verticalização, o parcelamento dos loteamentos de condomínios fechados e a construção dos *shoppings centers*. Na zona norte, as habitações de interesse social seguem rumo à via Anhanguera e, na zona leste, os grupos trabalham na tentativa de preservar as áreas de recarga do Aquífero Guarani.

Tony Miyasaka é representante de um período em que o cotidiano das cidades é marcado pela efervescência dos acontecimentos: migração em massa, congestionamentos, influência maciça das mídias e diversas modificações na sociedade – como a liberação sexual, o papel feminino mais autônomo – e nas teorias de cidades enquanto locais que são um sistema complementar de atividades. Essa é a cidade moderna, que sobrepõe a cidade eclética, que vislumbra os monumentos, o concreto armado, as grandes avenidas e a agilidade da vida. Na fotografia há uma negação das imagens renascentistas e a valorização exacerbada do equipamento fotográfico enquanto objeto capaz de congelar cenas, construir provas do cotidiano e recriar sensações de uma imagem, com a tentativa de extrair todas as possibilidades técnicas. Como descrevem os autores:

... A fotografia moderna caracterizou-se, contraditoriamente, pelo esforço de superação da perspectiva. A contradição reside no fato de que negar a perspectiva é negar o próprio código de constituição da imagem. Isso gerou uma tensão. De modo geral, é possível afirmar que, quanto maior o propósito de desconstrução da perspectiva, maior é a tensão que incide sobre o aparelho fotográfico. A produção

moderna pautou-se pela tentativa de alargar as possibilidades estéticas do aparelho. Nessa pesquisa de autonomia formal, aqueles que radicalizaram a proposta abstracionista esgarçaram as bases do código de constituição da imagem. O aparelho, não resistindo às tensões, fragmenta-se e explode. Em outras palavras: na tentativa de avançar sobre os limites da representação determinados pelo código perspectivo, foram criados inúmeros procedimentos técnicos que acabaram por negar a própria utilização do aparelho na confecção da imagem. (COSTA & SILVA, 2004, p. 78.)

A cidade moderna construía uma nova era, a da modernidade, na qual edificações destacam-se em uma paisagem nova, minimalista e, ao mesmo tempo, exuberante, filtrada pelo olhar apurado de Tony Miyasaka. A cidade de Ribeirão Preto, retratada nas fotos, passa pela ampliação territorial e também por mudanças na nova imagem pelo autor revelada.

Seu trabalho retrata a cidade construindo-se, transformando-se e seu potencial transformador. As fotos registram o processo de verticalização ainda modesto, porém denunciam um avanço territorial, com o espraio do território urbano.

São marcantes as fotos de “voo de pássaro”, que revelam grandes edificações institucionais, como a Faculdade de Odontologia e Farmácia da USP, surgindo em áreas suburbanas. Trata-se de um conjunto de edifícios de volumetria geométrica bem definida e que, além de sua beleza, marca a grande diferenciação paisagística do que estava por vir.

A oportunidade, aproveitada pelo fotógrafo atento, de registrar tais momentos, além de eternizar esse momento histórico, proporciona material de pesquisa e inúmeros estudos para a compreensão da formação do território da cidade, com a compreensão do processo evolutivo de uso, ocupação e valorização das terras em processo de urbanização.

A fotografia, aqui, revela a vida de um homem que olha através de lentes e traduz o seu contexto, que utiliza a tecnologia como instrumento para sua expressão e objeto intermediador para que outros possam verificar

a forma de arte.

Uma imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado... a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último, esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele pragmático ou emocional. O significado também é uma relação, ainda que bastante diversa da relação espacial ou paradigmática. (LYNCH, 2010, p. 9.)

O fotógrafo Tony Miyasaka foi um personagem submerso no momento histórico em que vivia a cidade de Ribeirão Preto. Sua compreensão de mundo e seus valores faziam parte da consciência coletiva descrita para a época. Sendo assim, a partir da verificação do cenário da vida cotidiana, pode-se apreender o que a cidade foi naquele momento de grandes transformações. Estudando a arte fotográfica, estudamos o fenômeno da urbanização do ponto de vista do observador, na perspectiva do cidadão, ainda que seja um cidadão com olhar tão apurado e inquieto como Tony Miyasaka.

Referências

CARVALHO, V. C.; LIMA, S. F. Representações urbanas: Militão Augusto de Azevedo e a Memória Visual da Cidade de São Paulo. **Revista do Patrimônio**, n. 27. São Paulo: Iphan, 1999, p 210-123.

CIONE, R. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: IMAG – Gráfica e Editora, 1987.

COSTA, H.; SILVA, R. R. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

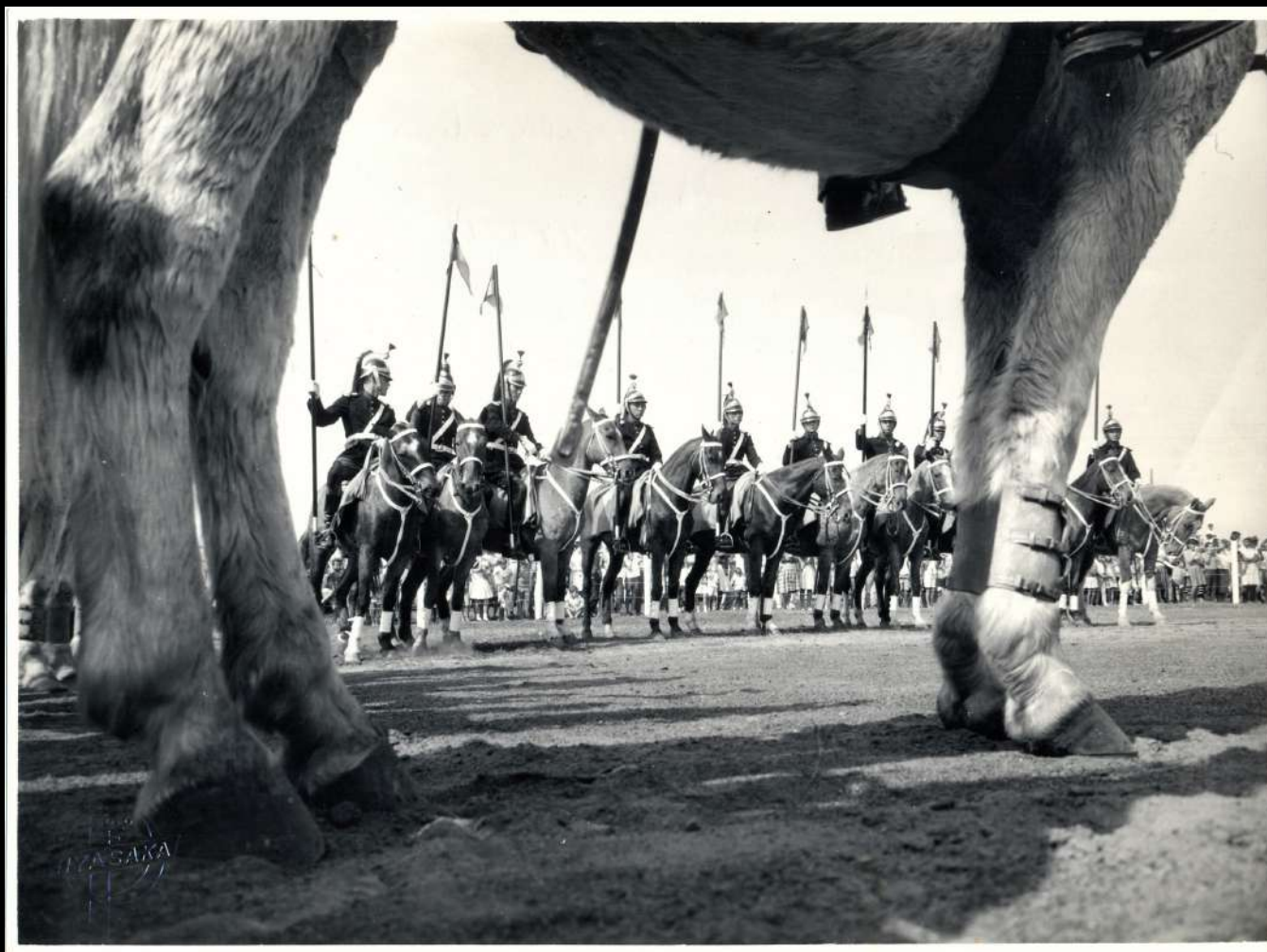
LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.



Ponte da Rua Pernambuco, construção. Trabalhos de concretagem. Data: outubro/1963. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Ponte da Rua Pernambuco, construção. Início das obras. Data: setembro/1962. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Pelotão da Cavalaria iniciando seus serviços em Ribeirão Preto. Durante inauguração do prédio do quartel. Data: junho/1963. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).

Tony Miyasaka: um olhar sobre a modernidade em Ribeirão Preto

Marco Antônio de Almeida

Nossa época é profundamente marcada pela enorme oferta de imagens, e a fotografia, há quase dois séculos, e uma de suas grandes fontes. Para o escritor Alberto Manguel, a fotografia transformou todos nós em testemunhas de nossa própria história, de tudo aquilo que ocorreu e que, em algum momento, foi registrado pelas lentes de uma câmera. Guerras, edifícios sendo construídos ou demolidos, eventos esportivos, paisagens próximas ou distantes, comemorações públicas ou privadas, os rostos dos famosos e também os dos anônimos: imagens oferecidas pela fotografia para nosso olhar atento ou distraído.

As imagens contam histórias, transformando o passado em nosso contemporâneo e o presente num grande painel. A fotografia é um relato dos tempos, uma construção narrativa emoldurada numa série de instantâneos. As fotografias revelam, sobretudo, o olhar do fotógrafo: aquilo que ele quis enquadrar, que o jogo de sombra e luz mediado por sua técnica permitiu-lhe revelar-nos. Mas nós sabemos que o mundo não possui uma moldura. Contar uma história por meio de fotografias é, portanto, transitar entre o que está "dentro" da moldura e aquilo que está "fora", o que não foi captado pelas lentes, mas que, de alguma maneira, podemos perceber como presente – não importa se o designarmos por contexto, estrutura ou imaginário. Essa breve reflexão permite entender a importância de nos debruçarmos sobre a produção fotográfica de Tony Miyasaka (1932-2004), em particular suas fotografias realizadas entre os anos de 50 e 70, para compreender um pouco da história de Ribeirão Preto.

Esse período é marcado pelo processo de construção de uma civilização urbano-industrial no Brasil. As cidades crescem rapidamente e logo a maior parte da população não está mais no campo – na década de 50 há um êxodo rural que envolve cerca de 7 milhões de pessoas. A economia se moderniza e se diversifica com a industrialização pesada, cujo símbolo é a indústria automobilística. A seleção de futebol se torna

campeã do mundo, a Bossa Nova é consagrada no exterior, Juscelino Kubitschek ergue uma capital futurística no cerrado onde nada havia: o Brasil vive a embriaguez do sonho de modernidade. Ribeirão Preto não fica à margem desse processo.

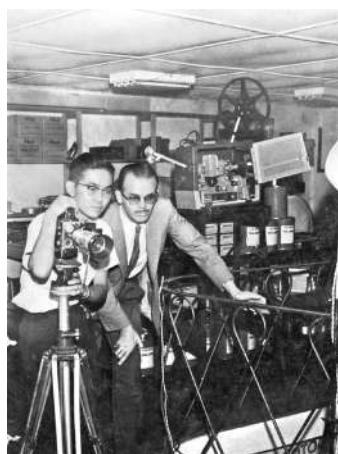
Na produção de Miyasaka podemos ver os sinais de uma urbanização veloz, no ritmo dos anos JK, e as mudanças culturais dela decorrentes a partir das imagens de Ribeirão Preto. Vivia-se um frenesi de modernidade que se espelhava na arquitetura, no aparecimento de lojas que através de suas mercadorias ofereciam uma entrada para esse novo universo de carros, roupas, eletrodomésticos... Esse ambiente de modernização também envolvia a educação e a saúde, com a abertura de novas escolas, hospitais e universidades, fielmente registradas por suas lentes.

Embora boa parte de seu trabalho seja fruto de uma produção comercial, que buscava atender a demanda dos clientes, as fotos de Miyasaka são testemunhas desse momento em que a cidade constrói não apenas sua realidade material, como também sua identidade com esse projeto de modernidade. Explica-se, assim, a popularidade de algumas imagens capturadas por ele e estampadas como pôsteres em diversos locais e Ribeirão Preto: em larga medida, elas contribuíram para a construção de uma iconografia do município, transformando-se em emblemas de sua identidade.

O rigor na construção da imagem por parte de Miyasaka, em especial nas suas fotografias de prédios e espaços urbanos, pode explicar um pouco desse pendor emblemático. Como os pintores renascentistas, seus trabalhos valorizam a frontalidade, a simetria e a hierarquia na composição da imagem. Suas fotos da fachada do antigo Cine São Paulo, da entrada da Cerâmica São Luiz emoldurando suas chaminés, das palmeiras da Av. Gerônimo Gonçalves ou do interior da Sociedade Recreativa são exemplares nesse sentido.



Tony Miyasaka e Kazuo Miyasaka reproduzindo fotos



Miyasaka e Rubens Francisco Luchetti, do Centro Experimental de Cinema de Ribeirão Preto
Data: década de 1960

O contraponto desse registro “monumental” está nas fotos que revelam as mudanças que ocorriam no cotidiano. São imagens de novos objetos que passam a fazer parte do dia-a-dia das pessoas: carros, refrigerantes, produtos de limpeza. Há também o registro dos novos espaços de circulação e de troca. As mercadorias que passam a povoar os novos sonhos de consumo posam para a objetiva de Miyasaka nas vitrines de uma loja. O moderno apelo do movimento, o trânsito de pessoas e automóveis, é o pano de fundo de suas fotos de avenidas, postos de gasolina e de um terminal de ônibus – este último, com sua cobertura de concreto apoiada sobre pilotis, avança num movimento diagonal ascendente da esquerda para a direita, sugerindo um aerodinâmico navio prestes a zarpar sobre leito de concreto da rua. Em outras imagens, presença das luminárias de néon e do layout de marcas famosas (Coca-Cola, Ford, Firestone) atestam a influência do imaginário norte-americano no projeto de modernidade brasileiro então, criando, em alguns momentos uma curiosa semelhança entre as fotos de Miyasaka e alguns quadros de Edward Hopper (1882-1967), pintor norte-americano famoso por seus retratos de cenas urbanas cotidianas da cidade de New York.

A aproximação com a pintura pode parecer um pouco forçada, mas não é o caso, Miyasaka começou a trabalhar numa época em que era comum retocar fotos, o apuro formal, advém dessa prática, desse exercício do ofício, que é particularmente perceptível nos retratos destinados a preservar a melhor imagem possível de homens e mulheres para a posteridade. Essa atividade quase artesanal também ajuda a explicar a ótima percepção de cores que ele possuía – vale lembrar que seu estúdio foi o pioneiro na implantação de um laboratório para revelação de fotos coloridas no interior de São Paulo.

Mas nesse período não é só a economia que se diversifica, também a cultura sofre profundas modificações. Os meios de comunicação se expandem: é a era do rádio mas, ao mesmo tempo, é a era do crescimento da indústria editorial, do cinema nacional e da implantação da televisão no país. Segundo Renato Ortiz, é nesse período que o cinema se torna, de fato, um bem popular de consumo, primeiro com a expansão dos filmes americanos, depois com a consolidação de uma indústria nacional, com a

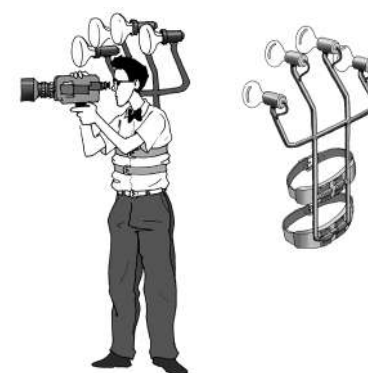
Atlântida, a Vera Cruz e o Cinema Novo. Também ocorreu uma nítida expansão do público leitor, motivada pela extensão da educação a parcelas maiores da população e expressa no aumento das tiragens de jornais e revistas. Começa a época de ouro do fotojornalismo, que tem a revista O Cruzeiro seu carro-chefe: em 1948 sua produção semanal é de 300 mil exemplares, atingindo 500 mil quatro anos depois. Outro importante veículo dos sonhos de modernidade do período, a revista Seleções do Reader's Digest, tem uma tiragem mensal de 330 mil exemplares em 1952, atingindo 500 mil cópias em 1957. No caso dos jornais, ocorre uma gradativa passagem de um jornalismo de opinião para um jornalismo informativo: os artigos, até então curtos e numerosos, cedem lugar às informações selecionadas. Temas como moda, restaurantes, consumo, o cotidiano da metrópole e seus problemas, passam a superar os debates filosófico-literários e os artigos opinativos. O número de fotografias por edição se amplia, como que atestando a mudança dos novos tempos.

Paralelamente a seu trabalho no estúdio fotográfico, Tony Miyasaka também se envolve com esse ambiente cultural em mudança, atuando em diversas frentes, ainda nos anos 50. Ele trabalhava como repórter fotográfico tanto para jornais locais (Diário de Notícias, A Cidade), como para jornais nacionais (Gazeta Esportiva, F olha de São Paulo), além de prestar serviços para a perícia técnica da polícia registrando ocorrências e crimes. No caso do cinema, teve aulas e trabalhou junto com Rubens Francisco Lucchetti, roteirista e escritor. A paixão pelo cinema levou-o a atuar no movimento fotoclubista, sendo um dos fundadores do Cine Foto Clube de Ribeirão Preto. Em todas essas atividades, Miyasaka pode dar maior vazão à sua criatividade e capacidade de produzir inovações, apurando ainda mais seu domínio da técnica fotográfica. Além disso, alguns dos casos mais curiosos e interessantes de sua biografia se ligam a esse universo.

Um desses episódios, exemplar para ilustrar o domínio que possuía da técnica fotográfica, envolveu seu trabalho para a polícia. Miyasaka foi chamado, à noite, para fotografar um veículo que estava envolvido em um acidente. Quando chegou ao local, preparou-se para realizar a foto, mas o flash não funcionava, por mais que ele insistisse. Esgotadas as tentativas,



Fachada do Foto Miyasaka na rua Visconde de Inhaúma n. 685
Data: 1950



Laboratório de revelação branco e preto

posicionou então a máquina no tripé, mantendo o obturador da câmera aberto, pegou uma lanterna e iluminou o carro, percorrendo-o com a luz em toda sua extensão. Ao final dessa excêntrica operação, que deixou os policiais estupefatos, ele retornou para a máquina fotográfica e fechou o obturador. A foto, depois de revelada, estava perfeita.

As imagens em movimento também atraíram a atenção de Miyasaka, proporcionando-lhe um importante envolvimento com o cinema. Junto com um grupo de amigos se aventuraram na execução de alguns filmes, cujo material, infelizmente, se perdeu. Segundo Rubens Francisco Luchetti, um desses filmes era uma história de suspense e mistério, com influências de "O fantasma da ópera", e teve, entre outras locações, o telhado da casa do avô de Luchetti e a escola pública Paes de Andrade. Posteriormente, também se uniu ao grupo o artista plástico Bassano Vacarini, para realizar alguns desenhos experimentais com forte influência do canadense Norman McLaren. Entre esses trabalhos destaca-se uma adaptação do conto "A sombra", de Edgar Allan Poe.

Chama a atenção nessas histórias a mobilização que o cinema despertava nos membros do grupo, que tinham de compatibilizar suas atribuladas vidas profissional e familiar com essas atividades. Muitas das filmagens eram realizadas depois das 22:00 horas, entrando em alguns casos madrugada adentro. Esse dinamismo parece ter contagiado outras pessoas, como o diretor da antiga rádio PRA-7, que emprestou equipamentos, pessoal e estúdio para o grupo continuar suas "experiências".

O termo "experiências" alude a outro aspecto importante relacionado às atividades desse período, que envolve o pendor de Miyasaka para criar novas técnicas e aparatos para superar as limitações de algumas situações que dificultavam a atividade cinematográfica. Desenvolveu uma plataforma portátil – quase uma escada – para filmar sobre a multidão. Também criou um suporte para luzes, ajustado por correias ao próprio corpo, que lhe permitia maior liberdade de movimentos e mais agilidade para filmar. Como o restante do grupo, Miyasaka também era um autodidata, que empenhava sua habilidade técnica e sua criatividade num esforço coletivo de realização artística. Nesse sentido eles estavam afinados com o momento cultural do país, onde a indústria do audiovisual buscava se firmar e responder aos anseios tanto dos realizadores como do público,

só que ainda de forma mais artesanal, voluntarista, do que da maneira propriamente empresarial que surgiria a partir da década de 70, como lembra Renato Ortiz. O desejo de realização, de integrar a sua produção cultural ao resto do mundo, fazia com que os realizadores brasileiros dessa época buscassem soluções criativas para superar as limitações técnicas e institucionais do país.

A paixão pela sétima arte talvez se revele mais plenamente nas diversas fotografias dedicadas às fachadas e aos interiores das salas de cinema. Registro de um período em que os espetáculos de cinema eram uma das atividades de lazer prediletas da população urbana, chama a atenção o cuidado dispensado por Miyasaka à composição dessas imagens. A imponência das fachadas, seus letreiros e colunas; a grandiosidade da tela ao fundo; a simetria da disposição das cadeiras – tudo evoca a semelhança com um templo, onde os fiéis expectadores se reunirão para o culto das imagens em movimento.

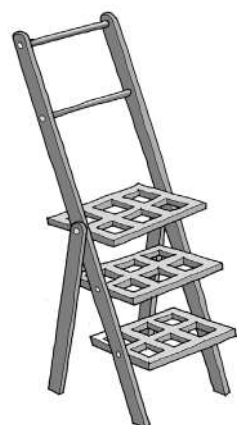
O irônico é que o destino de boa parte das salas retratadas por ele foi justamente virar templo, seja da religião – igreja –, seja da sorte e do azar – bingo. Com essa observação um pouco nostálgica, cabe perguntar: teria sido o período das décadas 50 e 60 os anos dourados de Ribeirão Preto e do Brasil? Trata-se de um exagero, é claro – basta consultar os livros de História para se conhecer o reverso da moeda do "progresso". Entretanto, foi um momento em que a cidade e nação acreditavam que a promessa do "país do futuro" iria se concretizar. A modernidade era palpável, e podia ser vista, tocada e experimentada no desenho urbano das cidades, nos novos hábitos e mercadorias que surgiam, nas produções culturais que expressam o espírito da época. Com sua trajetória singular, Tony Miyasaka é um personagem exemplar daquele período, e suas fotografias são testemunhas desse processo de mudanças.

Referências:

MANGEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, José Pedro de. **Ribeirão Preto de ontem e de hoje**. Ribeirão Preto: Livraria El Dorado, 1971.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.





Edifício do Banco Comercial do Estado de SP (em construção) e esplanada do Teatro Pedro II



Cine São Paulo

A Cidade e seu retrato: a modernidade revelada de Tony Miyasaka

Giulia Crippa

"A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: 'Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto'. Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação, à fantasia".

Susan Sontag

"As histórias são como aranhas, com pernas compridas, e também são como teias de aranha, onde um homem pode ficar todo emaranhado, mas também são tão bonitas quando você as vê embaixo de uma gota de orvalho, o jeito elegante como elas se ligam entre si, uma a uma".

Neil Gaiman

A ampliação da foto revela detalhes até então despercebidos. Os olhos seguem suas diagonais, convergindo para a inscrição, perfeitamente centralizada, que nos diz tratar-se de um cinema que já não existe mais, pois em seu lugar, na Rua São Sebastião, hoje há um Bingo. Conduzidos pelas linhas e superfícies, buscamos descobrir, entre o preto e o branco, o eixo que torna essa foto um ícone da Ribeirão Preto da década de 1960.

A imagem é finita, fechada por uma moldura interna constituída aos lados pelos pilares da edificação. Pela calçada na margem inferior e pelas janelas acima do letreiro. Sua aparência é equilibrada, simétrica em relação aos eixos vertical e horizontal e às diagonais, aconchego do olho é satisfeito pela escrita repetida no letreiro e logo abaixo, quase para não deixar dúvidas sobre o lugar, Cine São Paulo, inaugurado em 1 de maio de 1937.

Uma imagem pacata que revela uma cidade pacata? Não, dificilmente essa foto teria resistido às injúrias do esquecimento por mais de quarenta anos por ser aconchegante, tranquila, em uma palavra, pacata. É nas pequenas assimetrias, que provocam leves choques no ritmo esperado, é na sombra que se esconde nas aberturas, enquanto a luz pousa naquilo que é fechado, que os olhares tecem, conforme o ritmo cinematográfico desse "diretor" que é o fotógrafo, memórias e

narrativas. O observador dessa foto encontra princípios de composição e de retórica visual que ultrapassam a temporalidade histórica.

Uma fachada de cinema: três portas de vidro, cujas molduras de madeira são entalhadas como rendas, suas linhas macias e onduladas contrastando com a verticalidade repetida das grades brancas e com as linhas retas do ritmo horizontal impesso pelo letreiro, onde se materializa o próprio título da foto "Cine São Paulo". O nome, luminoso em néon, revela, desvela aquilo que por contraste, a entrada esconde na escuridão do interior, quebrada por manchas de luz que desenhavam silhuetas incertas além do vidro. Uma superfície que também reflete, além de deixar-se atravessar pelos olhares, acentuando assim a incerteza do interior, agora quase onírico. A janela central, acima do letreiro, aberta na escuridão, é ladeada pelos dois focos luminosos das outras duas, fechadas.

Para alguns observadores, os detalhes podem evocar os sentidos da luz e da escuridão próprios do cinema, das histórias que fascinam na grande tela.

Para outros, evocam uma época marcada por sonhos e mitos, um conjunto de valores e expectativas que desenhavam o Brasil de 1950 a 1970. Essa foto possui os elementos de uma dialética visual que a torna uma peça



Interior Cine São Paulo
Data: década de 1960

importante dentro do repertório que Ribeirão Preto, em sua vida cotidiana, selecionou para se representar e para gerar as narrativas de uma memória compartilhada da cidade.

Olharmos a imagem enquanto produtora de sentidos, atribuindo-lhe um valor objetivo que prescinde da subjetividade do fotógrafo que a realizou, Tony Miyasaka. Ele, em seu trabalho pioneiro de fotorreportagem, nos oferece a iconografia que sustenta a construção do imaginário desenvolvimentista e de modernidade triunfante no Brasil do pós-guerra na cidade de Ribeirão.

O papel do fotógrafo profissional, na vida de Tony Miyasaka, abrange as décadas de 1950 a 1970, ano em que passa a se dedicar exclusivamente ao comércio, e suas imagens tornam concreta a medição fotográfica das expectativas imagéticas do público da época, fornecendo uma farta iconografia sobre os anos dourados de Ribeirão Preto, através do olhar de quem assistia – e registrava – com olho maravilhado ao surgimento de creches, escolas, hospitais, grandes prédios, universidades. Paralelamente à construção de Brasília, os novos prédios de Ribeirão surgem no inesperado deserto de terra arroxeadada, e assim como se vê crescer a futura capital no gigantismo das edificações, onde o humano se submete e tende a desaparecer, monumento à modernidade. O paralelo é evidente em uma foto aérea, na qual a recém-construída faculdade de odontologia, no *campus* da USP, se destaca, gigantesca engrenagem branca de roldanas em um descampado, máquina simbólica na perfeição dos mecanismos.

Os retratos desses anos, também, espelham os anseios de reconhecimento social de alguns grupos, principalmente empresários e personalidades da recém-inaugurada Universidade de São Paulo. As fotos do estúdio Miyasaka documentam o destaque social dado aos ocupantes dos prédios ainda vazios, autoridades em evidência nesse momento de crença quase mágica no desenvolvimento do país.

Uma vida pode ser contada como se olha para uma foto: de maneira autônoma em relação aos contextos. Este caminho, todavia, não permite entender a obra fotográfica enquanto lugar de materialização do encontro entre as percepções do autor e do público. O arquivo fotográfico de Tony Miyasaka constitui um vasto patrimônio imagético, contando uma história objetiva de

personalidades e lugares da cidade, em uma perspectiva individual que se entrelaça com o imaginário compartilhado sobre e no Brasil entre 1950 e 1970.

Reconstruir uma vida, um percurso feito de acontecimentos grandes e pequenos, de escolhas que se silenciam nos dizeres, pois pertencem à esfera da intimidade familiar, não é tarefa fácil: as memórias de parentes, amigos e conhecidos são entremeadas pelas atraentes areias movediças das nostalgias, devido às nuances do afeto que as colore. Por outro lado, podemos apegar-nos à testemunha dos documentos colecionados pela família, em uma escolha norteada pelo aparecimento do nome de Tony Miyasaka, seja nos artigos sobre fotografia que ele escreve como em notícias de diários e revistas, onde se esboça um curriculum profissional, que realça as facetas públicas de sua atividade fotográfica e comercial. É esse, também, um caminho fundamental para esboçar um retrato. Ainda assim, a imagem que podemos desenhar nos parece insuficiente. A trajetória de vida do fotógrafo torna-se uma exigência histórica na medida em que se firmam, na consciência da cidade, os paradigmas do mundo daquele tempo, revelados pelos retratos humanos e urbanos de Tony Miyasaka, ícones capazes de condensar uma ideia de época.

Nascido em 14 de novembro de 1932 em Aichi, na província homônima, imigrante no Brasil das fazendas de café em 1934, Tony Miyasaka tornou-se figura de destaque na cidade. Conhecido pela sociedade local em seu papel de fotógrafo e comerciante, membro do Rotary Clube desde 1960, acadêmico da ALARP desde 2000, ocupando a cadeira Romildo Cantarelli e, após seu falecimento, em 2004, gerando uma nova cadeira em seu nome, reconhecido com título de cidadão de Ribeirão Preto, Tony Miyasaka nos deixa entrar no mundo do Cine São Paulo, convergência das aspirações e interesses de um indivíduo inserido em uma comunidade a partir de suas afinidades e diferenças.

O caminho da família Miyasaka é longo e revelador das difíceis condições de vida do Japão fascista da década de 1930 e da epopeia da imigração. Observando as estatísticas de entrada de imigrantes japoneses no Brasil, entre 1908, ano de chegada do navio Kasato Maru ao porto de Santos, até 1941, com a deflagração do conflito mundial, que interrompeu o fluxo migratório, calcula-se a chegada de 180.000 japoneses no país. A corrente migratória investiu, principalmente,



Quadro de Formandos

nos diversos setores da agricultura. Todavia, a origem dos imigrantes não era exclusivamente camponesa, compondo-se, em particular a partir de 1925, de elementos urbanizados. Isso se deve ao surto de industrialização do Japão, parte da implantação do capitalismo em que a demanda de mão-de-obra industrial não é constante e suficiente para estabelecer as bases de uma urbanização estável. Nesse sentido, a população de origem rural tende a manter seus laços com o campo. É uma fase em que o mercado interno e externo é ainda muito limitado e em que se assiste à transição para um capitalismo monopolístico baseado na importação de tecnologia. Os reflexos da crise econômica de 1929 afetaram também o Japão da década de 1930, forçando o movimento de emigração. Sakuma Niwa (1894-1975), formado professor, se dedica ao comércio, principalmente de soja, com os países asiáticos, mas a crise econômica da época atinge seus negócios. Ele porta o nome da esposa, Miyasaka, por ser ela filha única, através do sistema de *mukoyoshi*, em que o genro é adotado pela família da noiva, permitindo a continuação da linhagem, apesar de o Japão seguir a regra patrilinear de descendência.

A esposa, Kikue, (1896-1990), enfrenta as angústias e as dificuldades cotidianas de uma família composta por cinco filhos, Kazuo, Takeshi, Tatsuo, Shigeyo, a única filha e Miyuki, em seguida chamado Tony, o caçula da família. Segundo depoimentos familiares, é ela que, com a ajuda de Kazuo, o primogênito, convence Sakuma a tentar a aventura da viagem ao Brasil, em seguida à perda de um navio carregado de madeira, proveniente da China e que naufragou. A família Miyasaka embarcou no porto de Kobe e chegou, diretamente de Santos, na Fazenda São Martinho, em Pradópolis, onde trabalhou durante ao longo de dois anos, até o vencimento do contrato. Em seguida, os Miyasaka trabalharam em outras fazendas da região de Ribeirão Preto, em Colina, na colônia de Guataparã, áreas de produção de café, arroz e feijão. Em 1945 Sakuma decide mudar para Ribeirão Preto. Estudos sobre a imigração japonesa revelam que os colonos seguem estágios de ascensão social marcados, no começo, pela permanência da fazenda de ingresso ao longo de dois, três anos, seguida pela transferência para outra fazenda com contratos mais favoráveis, em 1934, ano em que a família Miyasaka chega ao Brasil, foram registrados 21.930 novos imigrantes japoneses,

número levemente inferior ao de 1933, em que se registra o pico de entradas 24.494. No ano seguinte, com a lei dos Dois Terços, pela qual Getúlio Vargas limita o número de entradas no país, os números caem sensivelmente, até o fechamento completo dos portos com a eclosão do conflito mundial.

A vida na fazenda segue os ritmos de um duro trabalho, a família inteira está envolvida na lavoura, tarefa à qual nenhum dos Miyasaka está acostumado. O relato de Takeshi Miyasaka, hoje pintor em São Paulo, mostra as dificuldades dos trabalhadores japoneses, obrigados por contrato a fornecer dois anos de trabalho obrigatório. Sakuma, todavia, não se limita ao trabalho no cafezal, pois, pelo que relata o filho, se dedicou também ao ensino na escola japonesa na fazenda, elemento esse de importância primária na estrutura social dos imigrantes.

Ao longo das primeiras três décadas de imigração, 90% dos japoneses residiam no Estado de São Paulo, dos quais, em 1934, 91,7% nas áreas propriamente rurais. Na década de 1930 já se observa o surgimento de pequenas propriedades nos lugares mais afastados da colonização, localizadas onde os brasileiros ainda não tinham chegado, longe dos mercados. Considera-se que a realidade japonesa desconhecida, na época, a noção de assimilação, pois historicamente o país, desde o século XVI, foi quem dominou outras culturas. Porém, desde a chegada da primeira leva, a realidade brasileira os colocava na posição de minoria desenraizada. Uma nova situação se desenha no seio das comunidades rurais: os imigrantes consideram sua presença no Brasil como fato transitório, destinado a enriquecê-los para voltar ao Japão. Nessa perspectiva, os membros das comunidades não apresentam interesse em aprender a língua, a não ser pelas necessidades cotidianas, e grande peso adquire a escola japonesa como lugar de coesão étnica. Aos poucos, ela se torna o lugar onde se cultiva o *Yamato Damashii*, o espírito japonês, alimentado pelo culto ao Imperador. Antes da Segunda Guerra, a escola japonesa não era somente o lugar onde as crianças apreendiam a língua, mas sim onde se tornavam "japoneses". Isto, graças à educação norteada por essa noção de Espírito Japonês, através da exposição do *go-shinei*, o Retrato do Imperador e pelo estudo da *kyoiku chokugo*, a Escrita Imperial sobre Educação.



Família de Tony Miyasaka (nome artístico), nome de nascimento Miyuki Miyasaka: pai Sakuma Miyasaka, mãe Kikue Miyasaka, irmãos: Kazuo, Takeshi, Tatsuo (João) e Shigeyo (Alice). Tony Miyasaka é o bebê ao lado da mãe.
Data: 1934



Família Miyasaka na Fazenda São Martinho. Em pé, à esquerda, Kikue (mãe), João e Tony; sentado o pai Sakuma. Sobre o cavalo Alice e na carroça Kazuo e Takeshi.
Data: 1934



Tony Miyasaka adolescente na residência em Ribeirão Preto.

Esta última adquire função sagrada tornando a escola o lugar do culto imperial. As atividades da escola, de fato, compreendiam uma série de rituais, principalmente a adoração do Palácio Imperial, voltando-se para o oriente, em um gesto chamado *toho yohai*, adoração ao oriente, a veneração do retrato do imperador, *sai keirei*, o ato solene da leitura da Escritura Imperial sobre Educação e ainda, o canto do Hino Nacional Japonês, *Kimi ga Yo*, o Reino Imperial.

A política nacionalista de Getúlio Vargas leva, já em 1937, ao fechamento forçado das escolas japonesas, marcando oficialmente o fim da educação orientado pelo *Yamato Damashii*. Mas, enquanto o culto ao Imperador era publicamente reprimido, sobreviveu ao nível da comunidade e das famílias, ainda que de um modo informal. Resultado disso foi o que o jovem Tony herda, de sua infância, elementos característicos dos laços sociais japoneses, principalmente nos arranjos familiares e, ao mesmo tempo, entrando em idade escolar, é o único membro da família Miyasaka alfabetizado em português e educado nos princípios do Estado Novo em uma escola rural.

Durante a Segunda Guerra, os japoneses no Brasil se tornaram inimigos. Depois de um período de indecisão, o ditador Vargas assume seu compromisso com os aliados contra o eixo Roma – Berlim – Tóquio. A guerra, aparentemente longínqua, é uma realidade que se torna cotidiana no interior. O jornal *A Tarde*, de Ribeirão Preto, oferece algumas amostras interessantes da vivência do conflito no território. Em um artigo de 5 de janeiro de 1942, A colonização japonesa e nossa formação étnica, Mário Garcia Ribas relata os resultados dos estudos sobre “caráter nipônico”, observando como, se de um lado alguns consideram os japoneses os melhores trabalhadores no quadro imigratório, por outro a presença japonesa no Brasil é nociva, pois as colônias constituem “quistos étnicos e econômicos, com evidente prejuízo para o país”. No mesmo jornal, em 7 de fevereiro do mesmo ano, um anônimo jornalista pede “severa vigilância” para impedir “atos de sabotagem por parte dos colonos japoneses, cujos núcleos [...] constituem uma grave ameaça à nossa segurança [...]”. Para justificar isso, o autor realça como “Ninguém mais do que nós conhece a maneira de agir sinuosa, subreptícia e covarde que caracteriza os japoneses, maneira de que eles deram bastas provas, quando do golpe traiçoeiro vibrado contra os Estados Unidos”. O inimigo, em suma, estava dentro das fronteiras, ainda que algumas vezes surgisse uma certa confusão aos olhos dos brasileiros, para os quais, como relata outro artigo do mesmo jornal em 9 de fevereiro, “Os japoneses se parecem uns com os outros. Os chineses também [...]. Chineses e Japoneses são quase irmãos gêmeos”, tanto que em Belo Horizonte alguns mineiros implicaram com “os patrícios do grande

Sun-Yat-Sem”, confundindo-se com súditos do *Mikado*. A solução foi colar cartazes com o dizer “aqui nós somos chineses” nos estabelecimentos comerciais e industriais. Nas folhas desse diário, as notícias, os artigos e os avisos de segurança em relação aos perigos representados pelos japoneses são cotidianos. Em 30 de janeiro, por exemplo, é publicado um aviso da Delegacia Regional de Polícia de Ribeirão Preto: “[...] faço público que alemães, italianos e japoneses, residentes no Estado de São Paulo, que para se locomoverem dentro deste ou para fora dele, necessitam-se munirem do necessário salvo-conduto”. Em 17 de março publica-se o aviso de que italianos, alemães e japoneses não poderão sair à rua depois das 21 horas.

Essa amostra, ao lado das notícias relativas à captura de espiões japoneses e de explicações sobre as técnicas de sabotagem dos colonos, ajuda a compor o quadro de uma situação difícil vivida nessa época pelos imigrantes japoneses, tanto nas grandes fazendas, que abastecem a economia de Ribeirão Preto e que utilizam a mão-de-obra inimiga, quanto nos pequenos loteamentos por eles ocupado. Considere-se que, às vésperas do conflito, em uma pesquisa realizada em 1938 entre 12.000 famílias residentes principalmente no Estado de São Paulo, 85% dos entrevistados desejavam voltar ao Japão.

Para a família Miyasaka, como para os outros japoneses, os anos que se seguiram ao conflito também não foram tranquilos. Tony Miyasaka costumava contar que a razão pela qual a família mudou para Ribeirão Preto em 1945 foi uma picada de cobra, após a qual Sakuma resolveu sair do campo. Com certeza, foi a última de uma série de onde estava a possibilidade de voltar ao comércio, atividade de origem da família, e a possibilidade dos filhos estudarem. Os primeiros anos em Ribeirão Preto são marcados pelos conflitos vividos individual e coletivamente dentro da própria comunidade japonesa. Os imigrantes manifestavam as consequências da derrota nas medidas extremas da seita *Shindo Reinmei*, ocupada em punir, na capital e no interior do Estado, os japoneses que acreditavam na vitória aliada sobre o Japão. Crescidos na absoluta fé de um país nunca derrotado, de um Imperador divinizado, de uma assimilação como dominação por parte deles, se encontravam, de repente, cidadão de um país devastado pela guerra e humilhado, cujo Imperador foi forçado a desmentir sua ascendência divina, como minoria desenraizada em um país do qual mal falavam os rudimentos da língua. A eficácia da educação japonesa ministrada nos anos anteriores à guerra pode ser medida na grande instabilidade que se observa entre 1945 e 1950, período em que a família Miyasaka busca os meios par sobreviver no caos da nova situação. Enquanto Kazuo trabalha em uma tinturaria, passado roupa, Takeshi é enviado a Igarapava, onde se submete às dificuldades de ser aprendiz no ofício da fotografia com uma família local. Tatsuo (João) trabalha como lustrador de móveis, enquanto Shigeyo (Alice) trabalha como costureira.

Tony, por sua vez, ajuda no sustento da família como boy de farmácia e vendendo peixe nas ruas, sob a orientação de Sakuma.

O padrão da estrutura familiar tradicional, que apresenta uma forte solidariedade do grupo subordinado ao chefe da família, se revela a possibilidade de retornar o ramo de atividade originário do patriarca, o comércio. Os esforços se concretizam em 1950, com a abertura do estúdio fotográfico Miyasaka, na Rua Visconde de Inhaúma, em frente à catedral. Takeshi, de volta de Igarapava, compartilha com os irmãos os resultados de suas atividades como aprendiz fotógrafo: Kazuo e Tony apreendem as técnicas de estúdio e, com Tatsuo (João) retocam as fotos que, à noite, revelam, enquanto Sakuma se ocupa da organização dos negócios. Kazuo e Takeshi se dedicam, também, à venda de reproduções de fotografias retocadas, que levam dentro de uma maleta pelas cidades vizinhas.

O estúdio constrói seu nome graças a alguns elementos-chaves: primeiro, o domínio das técnicas fotográficas, dentro do estúdio, onde Kazuo, principalmente, cuidava dos retratos. Segundo, uma boa dose de pioneirismo de Tony. Vale lembrar que Tony frequentava uma escola brasileira na fazenda, e que conseguiu continuar os estudos na Escola Biblioteca dos Pobres de Ribeirão Preto, conseguindo um diploma no curso de comércio em 1950. Isto significa que, dentro da família Miyasaka, ele é o mais permeável à cultura veiculada pelos jornais, revistas, rádio e cinema em língua portuguesa, elemento que o diferencia dos irmãos. Para Tony, a descoberta da modernidade urbana é um contraste muito grande com a dura realidade da fazenda, e as condições econômicas favoráveis de Ribeirão Preto acentuam a oposição. Não deve surpreender, portanto, a escolha de retratar o mundo urbano afastado da realidade rural: talvez seja o cinema, através de suas personagens, que tenha inspirado o jovem fotógrafo a sair do estúdio para retratar os ritos da sociedade local: casamentos, Bailes Brancos, eventos sociais e acadêmicos pontuam a atividade de fotorreportagem de Tony. Terceiro fator-chave para o sucesso da sociedade foi a demanda de um público amplo, em uma cidade em que a riqueza das indústrias locais logo se junta o brilho de receber a faculdade de medicina da prestigiosa Universidade de São Paulo ao lado das instituições de ensino superior particulares

e, em seguida, as outras faculdades da área de saúde, odontologia e enfermagem.

A série de retratos, principalmente tirados no estúdio, frequentemente retocados antes de serem entregues, as fotos que testemunham a expansão da USP, a construção do Hospital das Clínicas, as inúmeras escolas, os produtos de consumo que invadem as vitrines e as ruas, fotografados por Tony, contam tanto a história do crescimento da cidade e de suas personalidades marcantes, quanto uma história dos costumes e dos valores sociais de mais de uma década em Ribeirão Preto.

A atividade de fotorreportagem levou Tony a desempenhar tarefas para a imprensa local e para a polícia, cobrindo alguns acontecimentos da época. Alguns relatos familiares lembram de quando ele foi obrigado a fugir pelo teto de uma delegacia de polícia, pois uma multidão barrava a entrada, tentando entrar para linchar um homem acusado de estupro. Em outra ocasião, a reportagem fotográfica de Tony Miyasaka ilustrou a notícia, na *Folha de São Paulo*, de um trágico acidente com vítimas envolvendo um ônibus, na rodovia Anhanguera.

É durante os primeiros anos de atividade que Tony se dedica ao estudo do violino, ladeando a atividade de fotógrafo comercial com interesses cinematográficos. É membro do *Cine Foto Clube de Ribeirão Preto* desde sua fundação, mas o interesse pela imagem em movimento acaba levando-o a estudar cinema com o roteirista *Rubens Francisco Luchetti*, que envolve Tony em duas produções de cinema experimental de animação, ao lado de *Bassano Vaccarini* e *Waldemar Fantini*.

Os negócios prosperam apesar da ruptura da sociedade entre os irmãos. Sakuma, aos poucos, deixa as rédeas dos negócios ao primogênito Kazuo, dedicando-se às atividades da Sociedade Cultural Japonesa de Ribeirão Preto, da qual foi terceiro presidente de 1958 a 1960. Esse envolvimento será reconhecido em 1979, quando o município intitula uma rua com seu nome, na nova área urbanizada da *City Ribeirão*.

É no auge dessa trajetória que Tony conhece sua futura esposa, Tereza Keiko Murakawa. Tereza nasceu em 1935 na colônia *Tokyo Shokuminti*, em Motuca, então distrito de Araraquara,



Tony Miyasaka:
o sonho de ser
violinista



Vista externa do Foto
Miyasaka, na rua
Visconde de Inhaúma
no. 685
Data: 1950



Interior da Loja
Data: 1950



Tony Miyasaka com equipamento
de filmagem



Tereza Keiko Murakawa Miyasaka
Data: década de 1960

mas morava em uma fazenda próxima a Rincão, onde a família se dedicava principalmente à criação do bicho-da-seda. Os dois se conheceram, como na tradição japonesa, por intermédio da organização do *Miai*. Essa prática consiste na mediação, por parte de algum parente, conhecido ou profissional, entre as partes interessadas nos arranjos matrimoniais, através da organização de um primeiro encontro, a partir do qual, se houver consentimento dos interessados, negocia-se o casamento. Nada poderia parecer mais estranho às práticas ocidentais, mas o resultado do *Miai* de Tony e Tereza foi um casamento muito bem sucedido. Em notícias de imprensa, Tony realçou a importância do papel de dona Tereza em ajudar e estimular seu desempenho profissional. Tony e Tereza se casaram em 1959, e devemos à objetiva de Kazuo a possibilidade de ver os retratos de estúdio do casal Miyasaka e da noiva.

Em 1960 muitos são os acontecimentos na vida de Tony, que é convidado a ser membro do *Rotary Clube de Ribeirão Preto* e vai aos Estados Unidos a convite da Kodak, em uma viagem de atualização sobre equipamentos e tecnologias.

Também é o ano de nascimento do primeiro filho do casal, Akyo Tony, seguido em 1962 por Luiz Yukio, em 1964 por Elza Luli, em 1967 Alberto Minoru e, em 1970, Cristina Akemi. Coincide com o nascimento da última filha o fim das atividades profissionais de Tony como fotógrafo, mas coincide também com a derrocada do sonho dourado da era Kubitscheck, com a chegada ao poder da junta militar e o recrudescimento do regime em 1968. À leveza de um sonho americano se contrapõe o peso dos anos de chumbo, mas a decisão de se afastar da fotorreportagem para se dedicar exclusivamente ao comércio não significa o desaparecimento de Tony da cena de Ribeirão Preto.

A fotografia se torna, a partir desse momento, um hobby por meio do qual Tony estuda luzes e cores, especialmente em suas imagens de flores e plantas, pelas quais se interessa e que conhece bem. É também um conjunto de práticas que podem ser ensinadas, como passa a fazer desde o começo da década de 1970, quando inicia o curso de fotografia, junto do Nilson Maestre, curso que até 2004, permitiu a centenas de jovens e adultos se aproximarem do ofício de maneira clara e simples, com aulas sobre o funcionamento da luz e da câmera, aulas sobre os vários tipos de foto, aulas práticas, aulas de história da fotografia. Aulas que se baseavam na ideia da fugacidade de

cada momento que, todavia, pode ser capturado em fotografia, devolvendo à imagem sua função de substituta das ausências, das perdas.

As mudanças na situação econômica do país levaram Tony a vender a loja no início dos anos 80, mas após uma breve pausa nas atividades de comércio e serviços fotográficos, ele inaugurou uma nova loja na Avenida Nove de Julho, onde trabalhou ao lado do filho Tony, ao qual coube continuar a atividade da família. Nos últimos anos de vida se dedicou com paixão à foto aérea, ao curso e além de cobrir o cargo de tesoureiro da ALARP, da qual ocupou uma cadeira de 2000 a 2004.

Dois meses antes de falecer, Tony quis colocar uma ordem em todo o material acumulado em casa, livrando-se de muitos negativos e fotografias, selecionando, em poucas palavras, aquilo que ele mesmo considerou digno ou importante de ser mantido, legando, assim a construção do olhar sobre a cidade na fundação de um arquivo pessoal em busca de arranjo.

Referências

HANDA, Tomoo. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: História de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues. **Fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos: A história da Shindo Renmei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ONDINA, Antônio Rodrigues. **Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2006.

SCOTT, Cleison. (org.). **1904-2004: Um espelho de 100 anos**. Ribeirão Preto: ACIRP, 2004.



Casamento Tony e Tereza Miyasaka
Data: 20 de setembro de 1959



Família Tereza Miyasaka (à direita)
Data: 1948





Crianças durante aula de Educação Física no Parque Infantil do Barracão, atual bairro do Ipiranga.
Data: setembro/1961. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).

Tony Miyasaka e a Fotografia em Ribeirão Preto

Tania Registro

Fazer, olhar e dizer a foto

Desde o seu aparecimento no século XIX, a fotografia suscita fascínio e questionamentos. Tanto que responder à pergunta *o que é fotografia?* - é uma tarefa ampla, profunda e complexa. Constituída de natureza que congrega diversos aspectos, a fotografia é uma tecnologia – prática, aparato, objeto, a deslumbrar pessoas desde os primórdios da sua invenção e, ao mesmo tempo, um fenômeno perturbador que vem ocupando espaços e está cada vez mais presente na vida das pessoas.

A própria história do seu surgimento é muito intrincada e pode ser apreciada por diversos ângulos. No entorno da invenção da fotografia, isto é, do processo fotográfico, gravita uma multiplicidade de fatores, pois o seu aparecimento resulta da acumulação de conquistas técnicas e científicas que datam de centenas de anos (NOGUEIRA, 1958). As bases de todas as tecnologias fotográficas se ramificaram a partir dos estudos óticos e instalação de lentes na câmera escura, durante os séculos XVI e XVII, como também dos estudos no campo da fotoquímica, nos séculos XVIII e XIX, que tinham como objetivo fixar a imagem da câmera escura. No século XX há um rápido desenvolvimento das máquinas fotográficas e dos processos de revelação, até que, no final do século XX, estabelece-se de forma definitiva a fotografia digital.

Assim, um emaranhado de saberes e fazeres propiciou o invento da fotografia, que se deu de forma múltipla - se considerados os diferentes processos pesquisados para obtenção de uma imagem estável e fixação dessa imagem a um suporte e, de maneira simultânea e complementar, se considerados os estudos desenvolvidos e os resultados obtidos por Niépce (1765-1833), Daguerre (1787-1851), Fox Talbot (1800-1877), Hercules Florence (1804-1879), entre outros, na França, Inglaterra e no Brasil.

Embora existam outras datas importantes para marcar episódios significativos no desenvolvimento do invento, o ano de 1839 é considerado como data oficial da invenção da fotografia, quando no dia 15 de junho o governo francês adquiriu o processo inventado por Louis Daguerre e colocou a patente do invento em domínio público (KOSSOY, 1980).

Iniciada num tempo em que se inauguravam as transformações e substituições ininterruptas em plena Era Industrial, a fotografia teve a atribuição de congelar a existência em determinado espaço e fração de tempo. Em meio às máquinas, ao ritmo dos relógios e apitos das fábricas, à velocidade que atordoava os corpos que se deslocavam nas poltronas dos trens movidos por motores, numa amplitude até então nunca vista ou experimentada de compassos de tempos e espaços, foi possível segurar algo nas mãos - a fotografia-, como um objeto que, de certa forma, assegurava a posse daquilo que se esvaecia inexoravelmente. Inserida na era do consumo e descarte exacerbados a fotografia congelava o tempo e a realidade, tornando eterno o instante.

Mas qual é a realidade propiciada pela fotografia? Refletindo sobre ela - e nos baseando na leitura sobre este tema - deparamo-nos com o fato de estar presente na realidade apresentada pela fotografia uma dupla presença - objetiva e subjetiva. A constatação dessa dupla presença que a imagem fotográfica compartilha lhe confere um caráter realista, pois é um produto comprobatório e constitui-se em prova inquestionável do acontecimento de um determinado evento ou da existência de determinada pessoa. Todavia, a fotografia não se evidencia somente como registro, mas também como avaliação do mundo, pois, se é evidente que a fotografia valida a existência material daquilo que foi fotografado, ela é também um vestígio, uma interferência, uma escolha e, mesmo que não proposital, atesta uma possível distorção. A fotografia apresenta, então, uma visão da realidade (SÖNTAG, 1981).

A realidade proporcionada pela fotografia constitui-se numa interpretação do mundo. Mesmo que obtida por meio de uma máquina, essa realidade exposta pela fotografia não é isenta e nem imparcial, uma vez que, sendo produto de uma relação entre técnica e cultura, ela é resultado de um trabalho humano e, portanto, passível de interferência das mãos, dos olhos do fotógrafo e de seu tempo.

Na relação fotógrafo/máquina, Sontag (1981) observa que o ato de fotografar formaliza uma experiência entre o fotógrafo e o objeto a ser fotografado. Tirar uma fotografia não é um mero encontro entre o evento e o fotógrafo - é um acontecimento com direito a invadir ou ignorar. Ainda que se posicione de maneira isenta a qualquer situação ou objeto a ser fotografado, o ato de fotografar torna o fotógrafo uma pessoa ativa e participativa (SONTAG, 1981).

A natureza dual e, ao mesmo tempo, paradoxal da fotografia, constitui-se em um constante desafio: provoca e incita o fazer, o olhar e o dizer. Neste sentido, o conhecimento sobre a biografia dos fotógrafos e estúdios - ateliês fotográficos, estudos sobre suas atividades comerciais, bagagens técnica e artística, experiência humana, bem como a elucidação do contexto histórico em que as imagens foram produzidas, integra uma vasta rede de informações essenciais para compreensão da fotografia.

A fotografia e seus autores

Toda fotografia é autoral por natureza, porque pensada, registrada e elaborada segundo a forma pessoal (técnica, cultural, estética, ideológica) de determinado fotógrafo ver, perceber e conceber o mundo. Seja profissionalmente, a serviço de um contratante, seja com intuito de capturar cenas do seu entorno ou de suas predileções temáticas, estáticas ou poéticas, com ou uma finalidade especificamente utilitária, a fotografia é sempre resultado de um processo de criação/construção individual e intrasferível (KOSSOY, 2020, pg. 63).

Tony Miyasaka chegou a Ribeirão Preto em 1945, viveu e fotografou a cidade durante toda sua vida - foi aprendiz e mestre da fotografia. Seu nome viria a se tornar referência no campo da produção fotográfica e venda de produtos fotográficos na cidade e região.

A família Miyasaka imigrou para o Brasil em busca de um sonho - uma vida melhor. Como tantas outras famílias que chegaram à região de Ribeirão Preto, entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, foram direto morar numa fazenda de café - a Fazenda São Martinho. Embora sem tradição no trabalho campal, a família permaneceu na zona rural de 1934 a 1945, quando então fixou residência em Ribeirão Preto: o casal Sakuma Niwa (1894-1975) e Kikue Miyasaka (1896-1990); e os filhos Kazuo, Takeshi, Tatsuo, Shigeyo (Alice) e Miyuki (Tony) Miyasaka.

Sakuma nasceu em Meiji, na província de Fukui, Japão, em 19 de março de 1894. Em 1919 completou o curso superior na Faculdade de Kyoto e, ainda no Japão, trabalhou como professor e comerciante. Trazendo essa experiência, assim que a família se mudou para a cidade de Ribeirão Preto, buscou abrir um negócio para prover o sustento da família. Entre 1945 e 1950 enviou o filho Takeshi para trabalhar como aprendiz de fotografia em um estúdio localizado em Igarapava/SP, de propriedade de um patrício da colônia japonesa.

Em 1950 Sakuma inaugurou o comércio *Foto Miyasaka*, onde o caçula da família, Miyuki (Tony) Miyasaka, começou a trabalhar como ajudante e aprendiz. Sempre curioso e ávido por compreender os processos técnicos e com grande sensibilidade artística, o jovem Tony (algunha que ele mesmo escolheu como nome artístico e profissional) em breve se tornaria um dos principais fotógrafos da cidade.

Porém, antes da família Miyasaka, outros fotógrafos atuaram em Ribeirão Preto, desde o século XIX e, dessa forma, suas biografias, assim como a de Tony Miyasaka, entrelaçaram-se com a história da cidade e construíram uma narrativa visual. A fotografia produzida por estes fotógrafos configura, hoje, um importante acervo de documentos.



Retrato do fotógrafo João Passig. Data: 1900. Autoria: Photographia Alemã. (Acervo APHRP).

Os pioneiros da fotografia em Ribeirão Preto

A fotografia chegou em Ribeirão Preto com o café, com os imigrantes. A fotografia chegou de trem.

O início da cultura do café na região de Ribeirão Preto se deu por volta de 1870 e se intensificou a partir da década de 1880, com a chegada de grandes cafeicultores de outras regiões. O processo de criação do município acompanhou o processo de fortalecimento econômico decorrente da cultura cafeeira. Assim, em abril de 1870, foi criada a Freguesia (distrito de paz) de São Sebastião do Ribeirão Preto, e, logo no ano seguinte, em 1871, a freguesia foi elevada à vila (município), quando seu território foi desmembrado do município de São Simão. No ano da sua criação, o território do município de Ribeirão Preto abrangia os atuais municípios de Sertãozinho, Cravinhos, Serrana, Pontal, Dumont, Guataporã e distrito de Bonfim (LOPES, 2007).



Detalhe impresso numa fotografia de João Passig. Data 1910. Autoria: Photographia João Passig. (Acervo APHRP).



Fazenda Guataporã, vista de edificações, grupos de casas destinadas à moradia de colonos e plantação. No fundo da foto, densa vegetação (mata). Data: 1900. Autoria: Photographia João Passig. (Acervo APHRP).



Serraria de Gustavo Vielhaber. Vista de grandes toras de madeira, um carro de boi e grupos de pessoas. Data: 1900. Autoria: Photographia João Passig. (Acervo APHRP).

Na paisagem delineada pelo café, Ribeirão Preto passou a ser palco de trocas e influências culturais - os costumes, a culinária, os ofícios e profissões, as maneiras de pensar e olhar o mundo, tiveram uma forte influência dos imigrantes estrangeiros e migrantes vindos de outras regiões e Estados do Brasil. Neste efervescente ambiente urbano, alguns fotógrafos profissionais, principalmente de origem europeia, passaram a atuar na cidade. Esses fotógrafos produziram um rico acervo imagético do município e região - as cenas urbanas, o cotidiano, as paisagens e as pessoas.

Os estrangeiros João Passig e Emílio Travers podem ser apontados como os primeiros fotógrafos estabelecidos em Ribeirão Preto. Vale dizer que é temerário atribuir o título de "primeiro fotógrafo" de Ribeirão Preto a alguém específico. Assim, o que podemos afirmar é que esses fotógrafos figuram como detentores dos primeiros alvarás de licença, expedidos pela Câmara Municipal, para exercer a profissão de fotógrafo: João Passig, no exercício de 1891-1892; e Emílio Travers, no exercício 1892.

No final do século XIX e início do XX havia um significativo deslocamento geográfico dos fotógrafos. Essa mobilidade pode estar associada às atividades econômicas - uma vez que a fotografia, como atividade comercial, teria seguido os fluxos de prosperidade advindos da atividade cafeeira.



João Passig e família no pátio interno de sua residência. Em pé, João Passig e sua filha, sentada junto a mesa, a esposa Águeda Alves Passig com o filho Antonio Alves Passig no colo. No canto esquerdo uma criança negra. Data: 1899. Autoria: Photographia João Passig. (Acervo APHRP).

Entre 1890 e 1920, a produção de café em larga escala estimulou de maneira definitiva a economia, o que motivou investimentos em ferrovias e promoveu a imigração. Muitas pessoas chegaram a essa região, modificando de forma drástica a composição populacional, que era, em 1874, era de 5.552 pessoas - 4.695 livres e 857 escravos - e, no ano de 1890, atingiu a marca de 12.033 habitantes, sendo que 1.182 pessoas eram imigrantes (GIFUN, apud BORGES, 1994).

Já em 1902, a população era de 52.910 habitantes, sendo 33.199 estrangeiros - dos quais 27.765 eram italianos (MARCONDES, 2007).

A riqueza gerada pela economia cafeeira impactou também a configuração urbana e as atividades do comércio, da indústria e da prestação de serviços. Embora a grande massa de imigrantes tenha se fixado nas fazendas de café, um número significativo destes passou a viver na cidade e exercer profissões definidas - operários, artistas e artesãos, proprietários de pequenas porções de terras ou de comércio, profissionais liberais e intelectuais (BORGES, 1994). Em maio de 1912, residiam na zona urbana de Ribeirão Preto cerca de 6.000 pessoas de origem estrangeira: 3.896 italianos, 876 portugueses, 643 espanhóis, 171 turcos, 134 austríacos, 86 alemães, 23 franceses, 7 ingleses e 80 de outras nacionalidades. Desse total, 412 eram negociantes, 101 profissionais liberais e 1.021 operários (CAPRI, 1912).

Esse é o caso de **João Passig**, que atuou como fotógrafo em Ribeirão Preto entre 1891 e 1914. Nascido em Hamburgo, na Alemanha, em 31 de maio de 1852, filho de Christiano Passig e Henriqueta Passig, chegou com a família ao Brasil em 1856, fixando residência inicialmente no Estado de Santa Catarina - em Joinville e, posteriormente, Blumenau. Com a morte do seu pai, em 1858, a família retornou para a Alemanha, onde os irmãos Francisco Theodoro e João Passig estudaram as técnicas da fotografia. Após um período de permanência na Alemanha, os irmãos voltaram para o Brasil e iniciaram atividade profissional na cidade de São Paulo. Segundo Kossoy (2000) entre os anos 1871 e 1873, estava estabelecido com ateliê no Largo São Francisco e, em 1880, os irmãos Francisco e João Passig estabeleceram o estúdio *Photographia Allemã dos Irmãos Passig*. Em 1884, há registros dos fotógrafos Francisco e João Passig na cidade de São João Del Rei/MG, estabelecidos na rua Municipal. Possivelmente também atuaram como fotógrafos itinerantes. (KOSSOY, 2000 e GOULART; MENDES, 2007).

Em Ribeirão Preto João Passig consta como suplente de Juiz Municipal de Orfãos, em 1889; e em 1890 na lista de eleitores de Ribeirão Preto. Foi um dos primeiros fotógrafos a associar a atividade de estúdio com a produção de fotografia documental urbana e rural. O fotógrafo é o autor de inúmeras fotos de vários aspectos da cidade e fazendas da região, entre os anos de 1890 e 1905. O primeiro ateliê ou estúdio fotográfico de Passig - a *Photographia Allemã*, estava situado na rua Amador Bueno, esquina com Américo Brasiliense (local ocupado hoje pelo banco Santander) e, posteriormente, mudou-se para a rua Américo Brasiliense. Por volta de 1914, mudou-se para Belo Horizonte/MG, onde faleceu no dia 07 de janeiro de 1934 (REGISTRO, 2008).

Já **Emílio Travers** estava estabelecido em Ribeirão Preto com negócio de *Hotel, botequim e photographia*, na rua General Osório, em 1892 (Livro Intendência Municipal, Alvarás de Licença 1891 a 1903). Ele trabalhou no *Hotel dos Viajantes* - antigo *Hotel da Estação*, onde atuou como fotógrafo até 1895. Travers é o autor de uma importante fotografia: a do célebre bandido Dioguinho, datada de 1893.

Outro estrangeiro estabelecido como fotógrafo em Ribeirão Preto foi **Sylvio de Cenzo**,

também denominado *De Cenzo e Cenzo & Cia.*, iniciando sua atuação na cidade a partir de 1896. Segundo Kossoy (2000), neste mesmo ano, Sylvio de Cenzo aparece estabelecido em Piracicaba/SP, e que, ainda segundo o autor, era fotógrafo da colônia italiana. Entre 1903 e 1904, o nome de Cenzo & Cia. consta nas relações de imposto, em Ribeirão Preto, com estúdio na rua São Sebastião e, no ano de 1906, na rua Saldanha Marinho. Em 1908 realizou, no seu ateliê, uma exposição de fotografias da Fazenda Santa Lídia e de reproduções do jardim zoológico de Nova Iorque (BORGES, 1986). Sylvio de Cenzo atuou na cidade até 1911.



Grupo de 23 homens não identificados. Data: 1900/1911. Autoria: Sylvio De Cenzo. (Acervo APHRP).



Filhos de Euterpe, corporação musical. Maestro José Gomes Delphino, na esquerda, em pé. Data: 1899. Autoria: Mattos. (Acervo APHRP).



Maciste Team, grupo de jogadores do time de futebol. Data: 1910. Autoria: Photo Lami - Ribeirão Preto (Acervo APHRP).

José da Silva Mattos (JS Mattos) foi outro importante fotógrafo que atuou em Ribeirão Preto na década de 1910 como proprietário da *Photographia Mattos*, na rua Amador Bueno. Conforme propaganda no jornal *A Cidade*, de 02 de outubro de 1907, a *Photographia Mattos* se apresentava como *Antiga Passig* - um forte indício de que José da Silva Mattos comprara o estabelecimento de João Passig (BORGES, 1986). Ainda em 1907, o fotógrafo JS Mattos criou o *Club Cooperativo de Retratos a crayon e a óleo* - uma espécie de consórcio onde os interessados, mediante pagamento semanal, teriam direito a um retrato, contemplado por meio de sorteio, o que dava direito ao ganhador escolher entre um retrato a *crayon* ou a óleo. Segundo Borges (1986), o fotógrafo foi um representante da chamada foto artística, obtida por meio do trabalho misto de fotografia e pintura. No ano de 1909, José da Silva Mattos, estabelecido na rua Amador Bueno, n. 25, com negócio de tipografia e artigos de papelaria, solicitou falência. Era seu sócio, nesta ocasião, Adolpho Seixas e, em novembro de 1909, o negócio foi liquidado. Junto à documentação consultada há algumas notas finais que aludem a JS Mattos como sucessor de Mattos & Oliveira. A *Photographia Mattos* foi comprada pelo italiano João Baptista Lami, possivelmente, no final da década de 1910.

João Baptista Lami também foi fotógrafo e pintor. Natural de Modena, filho de Luiz Lami e Maria Menani Lami, casou-se em Ribeirão Preto, em 1898, com Adelina Lucia Bergamini, também natural da Itália. Segundo Borges (1986), João Baptista Lami trabalhou como fotógrafo, pintor e decorador, sendo o responsável pela decoração do Palácio Episcopal e, em 1913, pelos carros alegóricos para a comissão de carnaval. Em 1915, como pintor, fez exposições individuais em Ribeirão e Campinas. Em 1921, executou o retrato do Major Manoel Joaquim de Carvalho.

Nos registros de impostos de indústria e profissões o nome de João Baptista Lami aparece como fotógrafo, em 1917; já no período entre 1919 e 1924, consta *Lami & Filho* e *Baptista Lami & Filho* e, a partir de 1925, os registros de impostos estão no nome somente de seu filho, Guido Lami. O ofício da fotografia foi, assim, passado de pai para filho. Outra característica desses fotógrafos foi o aspecto da experimentação de novas técnicas. Conforme apontado por Borges (1986), em 1921, o fotógrafo Lami, com ateliê na rua Duque de Caxias, anunciou no jornal que descobrira um processo rápido de confeccionar fotos coloridas - o resultado dessa nova técnica ficou em exposição na Casa Mundial, na rua General Osório.

O fotógrafo **Ernesto Kühn** também trabalhou com técnicas diversas, além da venda de insumos para a produção fotográfica. Kühn nasceu na cidade de Berlim, Alemanha, no dia 30 de agosto de 1872, filho de Gustavo Kühn e Liska Kühn. Casou-se com Maria da Glória de Souza Kühn, na cidade de Bananal/SP, e dessa união nasceram os filhos Gustavo, Liska Urânia e Guilherme. Segundo relato da filha Liska Kühn (2001), Ernesto Kühn chegou ao Brasil sozinho e foi direto para Santa Catarina. Depois, morou no Rio de Janeiro, onde conheceu sua futura esposa, Maria da Glória. Em 1911, Ernesto Kühn iniciou suas atividades como fotógrafo em Ribeirão Preto. Em 1912, trabalhou também com o comércio de artigos fotográficos, como máquinas, chapas e papéis, na rua General Osório, n. 72 (Borges, 1986). Entre 1919 e 1920, seu estabelecimento estava localizado na rua General Osório n. 45, com negócios de charutaria e fotografia. O último registro de Ernesto Kühn como fotógrafo é do ano de 1922, quando há um anúncio no jornal *A Cidade da Fotografia Moderna*, de sua propriedade. Nesse anúncio, o fotógrafo se apresenta como especialista em retratos a *platinotipia*, *foto crayon* e por vários outros processos, disponibilizando serviços de tirar retratos à noite por meio de um moderno sistema. O fotógrafo atuou também nas cidades de São Simão e Cravinhos, ambas no Estado de São Paulo. Faleceu em Ribeirão Preto, no dia 03 de janeiro de 1955 e foi sepultado no Cemitério da Saudade (LISKA KÜHN, 2001).

Também em um anúncio no jornal *A Cidade*, em 1922, o fotógrafo **Flósculo de Magalhães** se apresenta para a cidade:

O abaixo-assinado participa às exmas. Famílias, aos seus amigos e ao público em geral que dispendo de muita prática da arte photographica, como prova pelas condecorações conquistadas em Pernambuco e no Rio de Janeiro está apto a executar todo e qualquer trabalho desta arte com perfeição e gosto, garantindo os mesmos. Flósculo de Magalhães (BORGES, 1986).

Mas, ao que tudo indica, ele anunciava um retorno, pois no período entre 1909 e 1911, estava estabelecido na rua Amador Bueno. Antes de se fixar em Ribeirão Preto, segundo Kossoy (2000), atuou como fotógrafo, nas



Retrato de Liska Kühn (nascida em Ribeirão Preto em 05/08/1912), sentada, e Gustavo Kühn (nascido em Ribeirão Preto em 27/07/1910) empunhando uma máquina fotográfica. Filhos do fotógrafo Ernesto Kühn. Data: 1915. Autoria: Ernesto Kühn. (Acervo APHRP).



Retrato de Edgard Pereira Barreto, com cerca de cinco anos, posando ao lado de um cachorro. Data: 1910. Autoria: Photographia Moderna - Ernesto Kühn - Cravinhos - Largo do Jardim n. 13. (Acervo APHRP).



Companhia Antarctica Paulista, vista da frente e lateral do edifício em obras. Presença de operários trabalhando. Data: 1911/1912. Autoria: Ernesto Kühn. (Acervo APHRP).



Operários e empregados da empresa Antigo Banco Construtor - Diederichsen & Hibbeln, junto a grandes toras de madeira. Na segunda fileira de baixo para cima, o primeiro homem na direita é João Hibbeln e, o seguinte é Antônio Diederichsen. Data: 1905/1910. Autoria: Flósculo de Magalhães. (Acervo APHRP).

seguintes cidades:

- 1886/1887: Recife/PE, Rua do Barão da Victoria n. 14 (12);
- 1891: João Pessoa/PB, Rua Aristides Lobo, n. 77;
- 1898: Recife/PE, Rua da Imperatriz, n. 54 A;
- 1910/1913: Ribeirão Preto/SP, Rua Amador Bueno, n. 90 (96);
- 1919: Rio de Janeiro/RJ, Rua do Ouvidor, n. 191;
- 1922: Ribeirão Preto/SP, Rua Amador Bueno, n. 68.

Algumas de suas fotografias, principalmente paisagens urbanas de Ribeirão Preto, encontram-se sob a custódia do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Outra importante figura na história da fotografia de Ribeirão Preto é **Aristides Muscari**. Nascido em Cittanova, na província de Reggio Calabria, Itália, no dia 02 de março de 1882, filho do engenheiro Caetano Muscari e de Angelina Yeraci Muscari, chegou ao Brasil em 1906, vindo direto para Ribeirão Preto. Foi acolhido e hospedado por algum tempo na casa de Emílio Gullaci (irmão do fotógrafo José Gullaci). Entre os anos de 1912 e 1921, atuou como fotógrafo estabelecido na rua Saldanha Marinho com a *Fotografia Isis*. Foi membro ativo da sociedade da época, sendo sócio da SUV - Sociedade União dos Viajantes e um dos fundadores da Sociedade Dante Alighieri. Posteriormente, mudou-se para Catanduva/SP, onde faleceu em 20 de setembro de 1971.

O fotógrafo **Rainero Maggiori** (Rainero Vittorio Giuseppe Maggiori) talvez tenha sido o primeiro fotógrafo a produzir fotos aéreas de Ribeirão Preto. Ele nasceu em Piacenza, Itália, no dia 26 de setembro de 1885, filho de Luciano Maggiori e Emília Trampolini. O fotógrafo se casou com Conceição Botelho e, dessa união, nasceram os filhos Inês (falecida ainda criança), Paulo Geraldo, Virgínia e Carlos Cândido. Rainero Maggiori chegou ao Brasil aos 17 anos, acompanhado de seus pais. O seu pai era médico, tendo exercido a medicina nas cidades de Bocaina, Avaré e Santa Rita do Passa Quatro/SP, locais de morada do fotógrafo antes de fixar residência em Ribeirão Preto.

Conforme os registros de impostos, Rainero Maggiori atuou como fotógrafo na cidade no período de 1918 a 1956, nos seguintes endereços:

- Rua General Osório, n. 109, entre 1918 e

1924;

- Rua Álvares Cabral, n. 51, em 1930;
- Rua Tibiriçá, n. 30, entre 1934 e 1940;
- Rua Visconde do Rio Branco, em 1945.

Entre os anos de 1926 e 1929, Rainero Maggiori trabalhou em parceria com o fotógrafo Aristides Motta.

Segundo Borges (1986), o nome de Rainero Maggiori está associado a um feito inédito na cidade: no ano de 1922 o fotógrafo produziu algumas vistas tiradas de um aeroplano. O passeio aéreo foi feito em companhia de João Robba. Além de fotógrafo de ateliê, foi correspondente do *Jornal Gazeta Esportiva*. A partir de 1943, Rainero Maggiori trabalhou em sociedade com o seu filho Paulo Geraldo.

Aristides Ferreira da Motta nasceu na cidade de Resende/RJ, no ano de 1880, e faleceu em Ribeirão Preto, no dia 18 de janeiro de 1942. A história deste fotógrafo é repleta de aventuras e reviravoltas. Em 1903, ele trabalhava como jornalista, no jornal *Diário da Manhã*, de propriedade de Juvenal de Sá, quando, no dia 03 de maio, após uma discussão e luta corporal, atingiu com cinco tiros Antônio Guimarães (jornalista do jornal *O Sorriso*), que veio a falecer em decorrência dos ferimentos. Por esse crime, Aristides Motta foi condenado a 19 anos de prisão. Ficou detido na cadeia de Ribeirão Preto (prédio de Câmara e Cadeia, na rua Cerqueira César, n. 371, atual MIS - Museu da Imagem e do Som) e, após quatro anos de batalha judicial, em 13 de dezembro de 1907, foi assinado seu alvará de soltura (PROCESSO CRIME, ARISTIDES MOTTA, 1903).

Entre os anos de 1910 e 1920, há várias referências da atuação de Aristides Motta como fotógrafo: registrou a solenidade de inauguração da herma (escultura) do Barão do Rio Branco, em 1913; a inauguração do novo prédio da Sociedade Legião Brasileira de Cultura e Civismo; a inauguração do Paço Municipal, em 1917; e a grande enchente do ribeirão Preto, ocorrida no dia 07 de março de 1927.

Além de fotógrafo, Aristides Motta se envolveu em outras atividades ligadas à cena cultural da cidade. Em 1913 foi o gerente da casa de espetáculos *Politeama*, de propriedade de Evaristo Silva & Cia; em 1914 iniciou um ousado empreendimento – fundou o *cinematographo Theatro Odeon*. Além de cinematógrafo, oferecia aos seus clientes uma série de espetáculos musicais, mas com apenas

quatro meses de funcionamento, no dia 14 de novembro de 1914, Aristides Motta solicitou falência. No ano seguinte foi o administrador do *Teatro Carlos Gomes* (TUON, 1997). Em 1926, Aristides Motta integrou a diretoria do *Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo*, ocupando o cargo de bibliotecário (PAPA, 1989).

Os documentos relacionados a Aristides Motta nos revelam que ele foi uma personalidade interessantíssima da história de Ribeirão Preto. Como fotógrafo, produziu importantes registros, que se configuram hoje como valiosa documentação histórica. Como empresário de atividades de entretenimento, circulou junto a artistas, políticos e fazendeiros.

Um outro documento a ele relacionado revela a maneira, no mínimo curiosa, em que se dava a relação fotógrafo e cliente. Impresso no rodapé de uma nota fiscal, está o seguinte texto:

AVISO AMIGAVEL – Previnimos a V. S. que collocaremos, muito contra nosso gosto o seu retrato *de cabeça para baixo*, nos nossos mostruários, se até o dia do corrente não vier ou mandar liquidar o debito constante desta nota (grifo no original).



Monumento (herma de bronze) ao Barão do Rio Branco, solenidade de inauguração. Sentados junto à mesa, da esquerda para direita: (1) Padre Euclides; (4) Augusto Junqueira, vice-Prefeito; (7) Joaquim Macedo Bittencourt, Prefeito. Data: 24/09/1913. Autoria: Aristides Motta. (Acervo APHRP).



Monumento (herma) à Luiz Pereira Barreto na Praça XV de Novembro, inauguração. Multidão de pessoas na Rua Álvares Cabral; vista da Rua General Osório presença de homens, mulhes e crianças. Lojas comerciais: Café Nunes, Fotografia Loja, Casa Delloiagono e Salão Palumbbo. Data: 1923. Autoria: Aristides Motta. (Acervo APHRP).



Rua General Osório, próximo ao Hotel Modelo e Hotel Brazil. No fundo, Av. Jerônimo Gonçalves e Estação da Cia. Mogiana, durante enchente do Ribeirão Preto, em 1927. Data: 07/03/1927. Autoria: Aristides Motta. (Acervo AHPRP).



Rua General Osório, vista a partir da Av. Jerônimo Gonçalves durante enchente do Ribeirão Preto, em 1927. Carro e carroças, pessoas junto aos prédios. Na direita vista do Hotel Brazil e Hotel Modelo. Na esquerda Pharmacia Reis, Hotel São Paulo e Pensionato Settimo Magrini. Rua alagada até a as proximidades da rua José Bonifácio. Data: 07/03/1927. Autoria: Aristides Motta. (Acervo APHRP).



Retrato de Sebastião Fernandes Palma. Data: 1956/1959. Autoria: Cantarelli. (Acervo APHRP).



Retrato em estúdio do casal de noivos Wilson e Nena. Data: 1951. Autoria: Cantarelli. (Acervo APHRP).

Romildo Cantarelli é outro nome que figura entre os grandes da fotografia em Ribeirão Preto, com destaque para a sua produção de retratos em estúdio e fotografia de noivas. Nascido em Pádua, Itália, no dia 10 de janeiro de 1882, filho de João Cantarelli, chega ao Brasil em fevereiro de 1889, acompanhado de seus pais e quatro irmãos. Inicialmente fixaram residência numa fazenda localizada no município de Pedreira/SP. Posteriormente, a família se mudou para a cidade de Jaú/SP, onde Romildo começou a se dedicar à aprendizagem da arte fotográfica e instalou seu primeiro estúdio, denominado *Photographia Cantarelli*.

No ano de 1899, casou-se com a italiana Zorilla Gavazzoni e, dessa união, nasceram os filhos João, Adélia, Oswaldo e Névio. Sua filha Adélia faleceu ainda criança; e seu filho João morreu em 1918, com 17 anos de idade, vítima da gripe espanhola. Em janeiro de 1927, depois de vender a *Photographia Cantarelli* para seu irmão Eugênio, Romildo Cantarelli transferiu-se com a família para Ribeirão Preto, onde adquiriu a *Photographia Lami*. Em Ribeirão Preto atuou principalmente como fotógrafo de estúdio, retratando noivas e personalidades da sociedade da época. A partir de 1934, os filhos Oswaldo e Névio passaram a auxiliavam o pai nos trabalhos de retoque e ampliação. Romildo Cantarelli esteve à frente do *Foto Cantarelli*, na rua Duque de Caxias, ao lado do antigo prédio da Instituição Educacional Moura Lacerda, até 1954, quando adoeceu (NÉVIO CANTARELLI, 1999).

Muitos outros fotógrafos atuaram em Ribeirão Preto - de forma permanente ou de passagem - e produziram um rico acervo de imagens. Entre as décadas de 1910 e 1930 estavam estabelecidos em Ribeirão Preto os fotógrafos **Francisco Pugliani, Affonso Picarelli (ou Piccarelli), Joaquim da Silva Mattos e Manoel Mattos, Aristides Nassau, Afonso (ou Alonso) Loupi, Leonard C. Stone & Henrique Haussaner, Anselmo Gomes ou A. Gomes, Adolpho Lazzarini, José Gullaci e José Gullaci Junior, Waldomiro Camargo e José Gonçalves de Matos**. Outro fotógrafo que atuou em Ribeirão Preto, por pouco tempo, foi o italiano **Ernesto Zerbetto**, que permaneceu na cidade de 1894 a 1900, mudando-se em seguida para São Simão/SP, onde faleceu em 1933.

Além dos profissionais estabelecidos com ateliês ou estúdios fotográficos, empreenderam em Ribeirão Preto inúmeros fotógrafos ambulantes, entre eles **José Leonardo, Álvaro Belles e João**

Müller. Muitos desses fotógrafos, conhecidos como Lambe-lambe, trabalharam nas praças XV de Novembro e Schmidt. O escritor Prisco da Cruz Prates (1983, p. 101) cita o nome de **Miguel Scaddigno** como o introdutor das fotografias instantâneas nos jardins da cidade. Ainda segundo Prates (1983), o fotógrafo Miguel Scaddigno era músico da orquestra do cinema de propriedade de José Lourenço, instalado junto a uma confeitaria no início da rua General Osório.

O fotógrafo ambulante **Salim Aissum**, nascido em Ribeirão Preto, em 1904, atuou como fotógrafo de 1926 a 1972. Além de registrar cenas inusitadas de Ribeirão Preto, como as coristas do Cassino Antarctica, viajou pelo Brasil fotografando festas religiosas e cenas do cotidiano.

Fotógrafos oriundos de outras cidades também realizaram importantes registros fotográficos de Ribeirão Preto, como, por exemplo, **Guilherme Gaensly**, autor de fotos da fazenda Guataparã, publicadas em 1911 na revista *Brazil Magazine*; e **Henrique Theodor Preising**, autor de várias fotos da Fazenda Chimborazo e aspectos da cidade Ribeirão Preto na década de 1920.

Sobre a fotografia amadora - assim chamada por ser exercida por pessoas não profissionais nesta área -, nos primeiros anos de existência da fotografia há pouca referência à atividade, talvez em razão dos complexos processos de manuseio do equipamento e processamento fotográfico. Em Ribeirão Preto, durante a década de 1910, há referência da atuação, como fotógrafo amador, de um importante fazendeiro e político, o **Cel. Antônio Vicente Ferraz Sampaio**. Proprietário da fazenda São Sebastião, exerceu a atividade de fotógrafo amador no início da década de 1910, possuindo, inclusive, um laboratório fotográfico na sede da sua fazenda. Suas fotos foram publicadas em 1911, na revista *Brazil Magazine*, revista na qual consta retratos das fazendas Santa Thereza e São Sebastião (PROCESSO DE INVENTÁRIO, PROCESSOS ANTIGOS, cx. 265-A).

Durante a década de 1940 surgiram os nomes dos fotógrafos **Ângelo Touse & Filhos**, **Albino Correia de Carvalho** e **Fernando Garzon**.

O ano de 1950 marca o aparecimento da primeira mulher a atuar como fotógrafa na cidade - **Laura Serrambana Camargo**. Neste ano, surgiu também o *Foto Miyasaka*, a princípio administrado por Sakuma Miyasaka e Filhos e, posteriormente, por Tony Miyasaka.

O fotógrafo e a cidade: a fotografia de Tony Miyasaka

A fotografia que o jovem Tony aprendeu com os irmãos foi a de estúdio - uma fotografia estática. Quando o fotógrafo tinha completo controle da luz que incidia sobre a pessoa, sobre sua pose e postura, com fundo e cenário também detalhadamente controlados, surgia o retrato de estúdio - uma fotografia cuja finalização era feita diretamente sobre o papel (na foto já revelada e ampliada). Por meio da técnica do pontilhismo e outras usadas no desenho, as pequenas imperfeições da pele, como, por exemplo, as olheiras, eram corrigidas pelo fotógrafo/artista/pintor. Seu irmão Kazuo era o mestre do retrato e do retoque - aprendizado este crucial na vida profissional de Tony, que levou este conhecimento sobre luz e sombra para o lado de fora do estúdio, para as ruas, para os eventos e as grandes concentrações de pessoas.

Tony conhecia a cidade. Era um caminhante que percorria as ruas do centro desde garoto, quando fazia entregas para uma farmácia, vendia peixe de casa em casa ou quando cruzava o ribeirão Preto em direção à Vila Tibério para estudar na Escola e Biblioteca dos Pobres.

Com o tempo, o caçula da família Miyasaka começou a imprimir no trabalho do registro fotográfico um outro ritmo, um outro olhar. Sua fotografia era uma fotografia inquieta, advinda do movimento, do trânsito, dos transeuntes, seguia o ritmo das transformações. Ele testemunhou o desabrochar do processo de verticalização do centro histórico de Ribeirão Preto, principalmente da área próxima à praça XV de Novembro em direção à praça da Bandeira, entre as décadas de 1960 e 1970. Os edifícios altos alteraram as luzes e sombras que insidiam sobre o piso de paralelepípedos cor grafite, talhados em basalto. Com um misto de assombro e admiração, fotografou essa nova cidade que surgia de forma rápida, acima dos olhos.



Parque Infantil de Dumont. Fila de crianças para receber merenda. Data: setembro/1961. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Parque Infantil de Bonfim Paulista. Vista da cozinha e fogão de lenha. Cozinheira preparando a refeição das crianças. Data: setembro/1961. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Solenidade de instalação do novo serviço telefônico, DAET - Departamento de Água, Esgoto e Telefone. Grupo de pessoas em frente a um prédio. Data: junho/1961. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Serviço Telefônico Municipal, prédio na esquina da Álvares Cabral com Americo Brasiliense. Data: junho/1960. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Cava do Bosque, foto dos trabalhos de pintura do ginásio de esporte. No alto do edifício um estandarte com o brasão de Ribeirão Preto. Data: janeiro/1962. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).

Em 1959, Tony Miyasaka viajou para os Estados Unidos a fim de participar de um curso na matriz da Kodak, em Rochester. No ano seguinte frequentou um curso de revelação de filmes e fotos coloridas na cidade do Rio de Janeiro, patrocinado pela empresa Agfa, da Alemanha. Sempre curioso e disciplinado foi um leitor ávido dos manuais e livros técnicos de fotografia. Entre 1960 e 1970 fez inúmeros cursos, participou de muitos seminários e convenções patrocinados pela Kodak, Fuji, Agfa, Nikon, no SENAC, no SESI, na Associação Brasileira de Fotografia e Cinema etc.

Todo esse conhecimento adquirido sobre os avanços tecnológicos das máquinas fotográficas e a experiência com as técnicas de revelação e ampliação colocaram a *Foto Miyasaka* como principal referência para fotógrafos profissionais e amadores de Ribeirão Preto e região.

Entre 1950 e 1970 Tony trabalhou como repórter fotográfico nas áreas de jornalismo social e

policial, empregando, em 1960, a foto colorida na reportagem e no estúdio, revelando-as em laboratório próprio. Neste período começou a trabalhar com fotografias aéreas - atividade esta que viria a se dedicar no futuro. São desse período, inclusive, as fotografias dos mais importantes acontecimentos sociais como inaugurações de obras, solenidades cívicas e religiosas, formaturas de estudantes da USP, construções de edifícios altos etc.

No ano de 1970 encerrou as atividades de fotorreportagens e passou a se dedicar à loja, onde vendia artigos fotográficos, sempre acompanhando o surgimento das novas tecnologias. Neste ano montou o primeiro laboratório de revelação automática do interior do Estado, atendendo amadores e profissionais.

Foi nessa vivência de atendimento no balcão que Tony percebeu a grande dificuldade dos fotógrafos - tanto amadores como profissionais - no manuseio



Cava do Bosque, com a pintura em estado precário. Foto do início dos trabalhos de montagem dos andaimes para a pintura do ginásio de esporte. Data: janeiro/1962. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).

e compreensão das técnicas fotográficas. Diante disso, montou um curso de fotografia, junto com o amigo Nilson Maestri. Começou como um curso rápido, para poucos alunos, mas, com o tempo, foi sendo ampliado, sendo a atividade que exerceu ininterruptamente, de 1970 a 2004, formando mais de 20 mil fotógrafos amadores e profissionais.

Nas décadas de 1970 e 1980 Tony ministrou curso profissionalizante no Senac Ribeirão Preto. No período entre 1978 e 1979 escreveu uma coluna no jornal *O Diário de Ribeirão Preto*, com orientações e novidades sobre fotografia.

Tony encerrou as atividades da Loja Miyasaka, localizada na rua Tibiriçá, no início da década de 1980, mas, logo em seguida, inaugurou uma nova loja, na avenida Nove de Julho, onde atendia a todos com grande atenção, sempre primando pela qualidade dos equipamentos e

serviços de revelação. Tony, a esposa Tereza e os filhos trabalharam juntos na loja. Tinham uma casa sempre cheia de amigos e uma grande mesa de refeição, onde sempre cabia mais um. Com essa mesma generosidade exerceu a atividade de fotógrafo e de professor de fotografia.

No início da década de 1990 Tony Miyasaka deu continuidade a uma de suas maiores paixões - as fotos aéreas. Profissionalmente ou como hobby, produziu grande número de fotografias em 35 mm., o que resultou em uma documentação volumosa e significativa sobre o processo de crescimento urbano de Ribeirão Preto.

Tony fotografou Ribeirão Preto por toda sua vida (1932-2004)- dessa forma, o fotógrafo e a cidade que o acolheu se mesclam no olhar e se fundem na fotografia.

Referências

- BORGES, Maria Elízia. A fotografia: seu aparecimento e expansão na capital do café no período da Primeira República. *Revista Comunicação e Artes*, São Paulo, n. 17, p. 119-131. 1986.
- BORGES, Maria Elízia. O café e a arte: o imigrante italiano em Ribeirão Preto (1889-1930). *Revista História*, São Paulo, n. 13, p. 13-18. 1994.
- BOTELHO, Martinho. *Revista Periódica e Ilustrada d'Arte e Actualidades, Publicação de Propaganda Brasileira no Estrangeiro. Ribeirão Preto Le Pays du Café*. Brazil Magazine, Paris, 1911.
- CAPRI, Roberto. *O Estado de São Paulo e seus Municípios*, São Paulo: Typ Pocaí & Weiss, 1913. 352 p.
- GOULART, Paulo Cezar Alves; MENDES, Ricardo. *Noticiário Geral da photographia paulistana: 1839-1900*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007. 340p.
- KOSSOY, Boris. A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980. 51p. (Coleção Museu & Tecnologia, n. 4).
- KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000. 405 p.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. 149 p.
- KOSSOY, Boris. *O Encanto de Narciso: reflexões sobre a fotografia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020. 240 p.
- LOPES, Luciana Suarez. Uma economia em transição: a economia e a alocação de riqueza na antiga vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, década de 1870. *História Econômica & História de Empresas*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 63-104, jul./dez. 2007.
- MARCONDES, Renato Leite. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). *História Econômica & História de Empresas*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 171-190, jan./jun. 2007.
- NOGUEIRA, Mário B. *Almanaque português de fotografia*. 3. ed. Lisboa: Betrand, 1958. 534 p.
- PAPA, Theodoro José. *Contando à nova geração a história do espiritismo em Ribeirão Preto*. Capivari, SP: Gráfica e Editora do Lar, 1989. 103 p.
- REGISTRO, Tânia Cristina. *História da Fotografia: Levantamento documental sobre a fotografia em Ribeirão Preto (1890-1950)*. ed. rev. e ampl. 2008. Disponível em: www.arquivopublico.ribeiraopreto.sp.gov.br . Acesso em : 10. ago. 2020.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. 199 p.
- TUON, Lianmar Izilda. *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto: 1890-1920*. 1997. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997.

Documentos do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

- CENZO & CIA. Livro Arquivo 31. Livro de Lançamento de Imposto, 1903/1904. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).
- KUHN, Ernesto. Livro Arquivo 456. 1913. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).
- LAMI & FILHO. Livro Câmara Municipal n. 9, Indústria e Profissões. 1919. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).
- LAMI & FILHO. Livro Câmara Municipal n. 9, Indústria e Profissões. 1920. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).
- LEANDRO, José. Imposto de Ambulantes. (Livro da Câmara Municipal de Ribeirão Preto). 27 de janeiro de 1916. p. 29. Fotografia.
- MAGGIORI, Rainero. Livro Câmara Municipal n. 9, Indústria e Profissões. 1919. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).
- MOTTA, Aristides. Livro Arquivo 456. 1914. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Ribeirão Preto).

MOTTA, Aristides. Livro Arquivo 456. 1915. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

MUSCARI, Aristides. Livro Arquivo 456. 1914. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

MUSCARI, Aristides. Livro Câmara Municipal n. 9, Industria e Profissões. 1920. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

PASSIG, João. Livro Alistamento Eleitoral – 1902. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto). Archivo, 232, n. 655, p. 18, 1902.

PASSIG, João. Livro Arquivo 31. Livro de Lançamento de Imposto, 1904. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

TRAVERS, Alexandre. Inventariante D. Leopoldina Ozório Travers. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, Inventário caixa 08). 1899.

BELLES, Alvaro. Livro Câmara Municipal, Archivo 439, Imposto de Ambulantes. 13 de janeiro de 1917, p. 42. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

LEONARDO, José. Livro Câmara Municipal, Archivo 439, Imposto de Ambulantes. Janeiro de 1916, p. 29. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

MULLER, João. Livro Câmara Municipal, Archivo 439, Imposto de Ambulantes. Fevereiro de 1916, p. 32. Fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

Entrevistas

REGISTRO, T. Maggiori Rainero. Entrevistados: Carlos Cândido Maggiori, Miriam da Silva. Ribeirão Preto, setembro de 1999.

REGISTRO, T. Romildo Cantarelli. Entrevistado: Névio Cantarelli. Ribeirão Preto, outubro de 1999.

REGISTRO, T. Ernesto Kuhn. Entrevistada: Liska Urânia Bertha Kuhn. Ribeirão Preto, 9 de janeiro de 2001.

PASSIG, João. Livro Intendência Municipal, Alvarás de Licença 1891 a 1903, Rua Amador Bueno, n. ordem 231. 1894. p. 51. Espécie de comércio: fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

PASSIG, João. Livro Intendência Municipal, Alvarás de Licença 1891 a 1903, Rua Amador Bueno, n. ordem 117. 1891. p. 5. Espécie de comércio: fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

PASSIG, João. Livro Intendência Municipal, Alvarás de Licença 1891 a 1903, Rua Amador Bueno, n. ordem 47. 1892. p. 20. Espécie de comércio: fotografia. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

TRAVERS, Emilio. Hotel, botequim rua General Osório. 1892. Fotografia. Livro Intendência Municipal, Alvarás de Licença 1891 a 1903. p. 24. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

MOTTA, Aristides. Processo Crime. 1903. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

MOTTA, Antônio Pinto. Processo de Arrolamento. Inventários, cx. 42. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

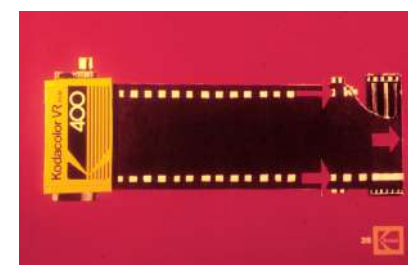
MATTOS, J. S. Processo de Falência. [s.d.]. cx. 150-A. Processos antigos. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

LAMI, João Baptista. Processo de Inventário. 1925. Inventários cx. 43. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

CAVES, Mário Moreira. Róis de Lançamento de Industria e Profissões 1896 a 1960. 1989. (Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto).

NOGUEIRA, Luiz Antônio. Ernesto Zerbetto. Entrevistado: Antônio José Zerbetto. São Simão: Fundação Simonense Museu Histórico Simonense "Alaur da Matta", 2 de junho de 2000.

REGISTRO, T. Tereza Miyasaka. Entrevistada: Tereza Keiko Murakawa Miyasaka. Ribeirão Preto, 2005-2006.



Slides usados por Tony Miyasaka para o curso de Formação em Fotografia.



Parque Infantil de Dumont. Vista de um gramado, prédio e armação para jogo de bola ao cesto ou basquete. Crianças estão em atividades no gramado. Data: setembro/1961. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).



Parque Infantil de Vila Tibério. Vista de grupo de crianças e professoras, em formação, num gramado. Data: setembro/1961. Autoria: Foto Miyasaka. (Acervo APHRP).

Fotografando “Uma folha que cai”

Tony Miyasaka

Ganhei de um grande amigo um livro de sua autoria com o título “Uma Folha que Cai”, li com grande entusiasmo, pois cada poesia, escrita mais com o coração do que a razão, me transportava para um mundo multicolorido de rara beleza. O poema que deu o nome ao livro, me fez imaginar fotografando uma folha chegando à sua maturidade, quase desprendendo do galho, resistindo à queda, única amarela entre centenas de outras verdes e cheias de vida. Imaginei-me com minha máquina fotográfica munida de uma objetiva macro 300 e filme ISO 400. Fiz várias fotos mantendo-a em primeiro plano, emoldurada e coroada pelas suas jovens irmãs. Deixei o diafragma todo aberto (f 3.5) para que ela como rainha, ficasse suficientemente nítida realçando as suas cansadas nervuras. Ato contínuo, uma leve brisa colocou-a em mais destaque e me proporcionou a oportunidade de fazer outros clicks. Logo um sopro mais vigoroso fez com que ela se desprendesse e dançasse diante de minha máquina, permitindo realizar uma sequência fotográfica, agora tendo como prioridade a velocidade 500. Chorei de tristeza ao final do ballet quando se depositou no chão, mas logo percebi que ela fazia pose para ser fotografada, tornara-se a mais nova e a mais formosa entre todas. Coloquei a objetiva zoom 24-120, fechei o diafragma em f 16 e fiz clicks de todos os ângulos, aproveitando a luz do sol em posições diferentes, registrando o seu derradeiro sorriso.

Infelizmente algo brutal me acordou deste lindo sonho, um gari, desconhecendo o nosso idílio, juntou tudo e atirou em seu carrinho. Estava prestes a chorar, quando a “minha” folha deu seu último salto, abanou a mão e se foi.

Obrigado, meu amigo Anderson, por ter me proporcionado tão comovente inspiração.

Até a próxima semana, com lindas fotos.

Artigo publicado no
Jornal A Cidade
Em 14 de março de 2004



Praça Carlos Gomes, vista a partir da rua Visconde de Inhaúma



Catedral de São Sebastião do Ribeirão Preto e Praça da Bandeira.
Detalhe: perspectiva do Foto Miyasaka



Posto de Serviços e Edifício ABC





Avenida Jerônimo Gonçalves



Cantina 605



Manequim Modas, vista externa da loja



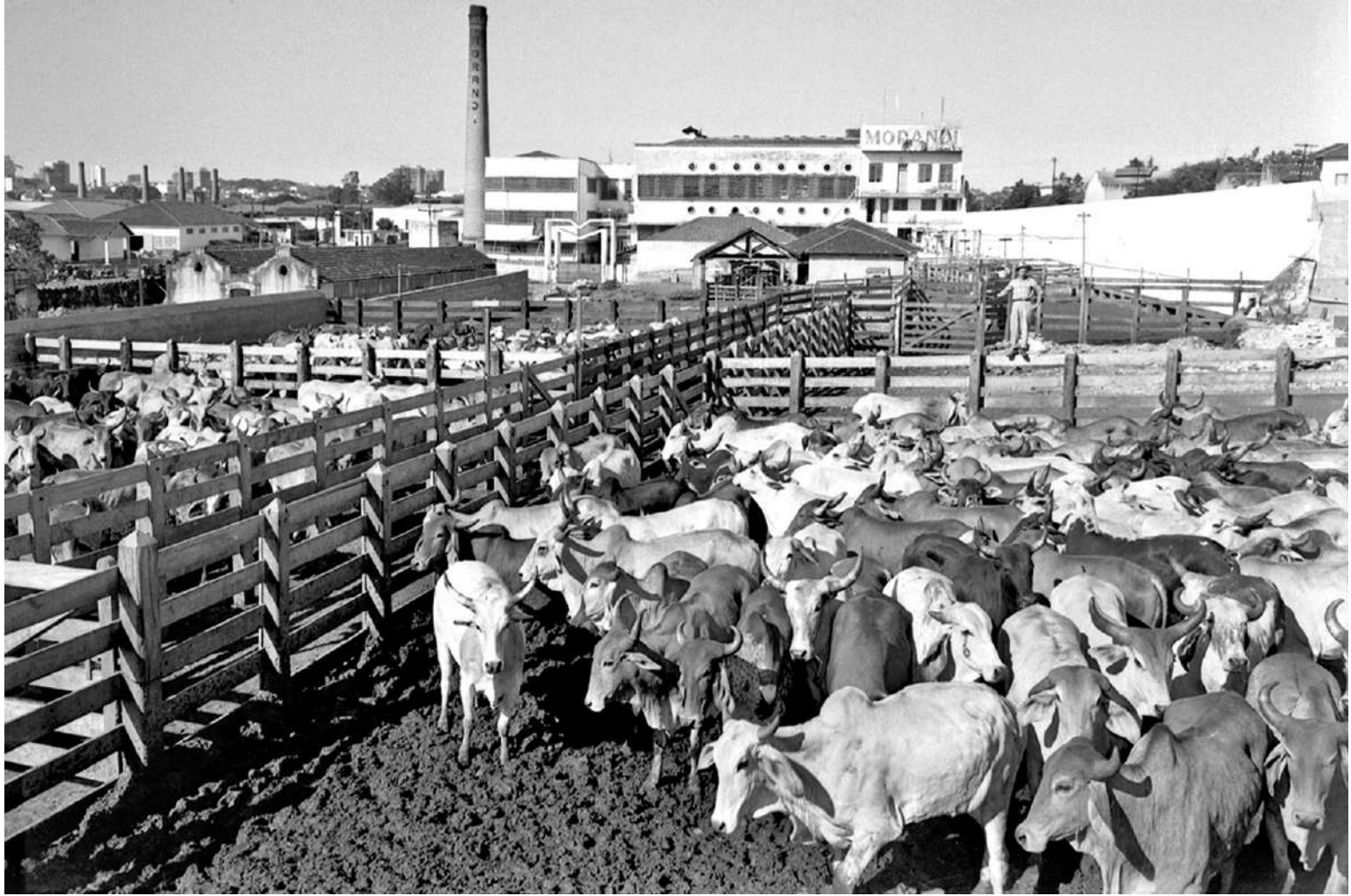
Manequim Modas, vitrine da loja



Residencial Indaiá na Av. Meira Júnior



Vila Virgínia, vista aérea



Frigorífico Morandi



Frigorífico Morandi



★ FANTASIAS NM ★

Ind. de Sabonete NM Ltda • Rib Preto



Sabonetes NM



Umarana Recreio Hotel, interior
 Umarana Recreio Hotel, vista externa
 Umarana Recreio Hotel, maquete do projeto



Sociedade Recreativa, vista da fachada na Av. 9 de Julho



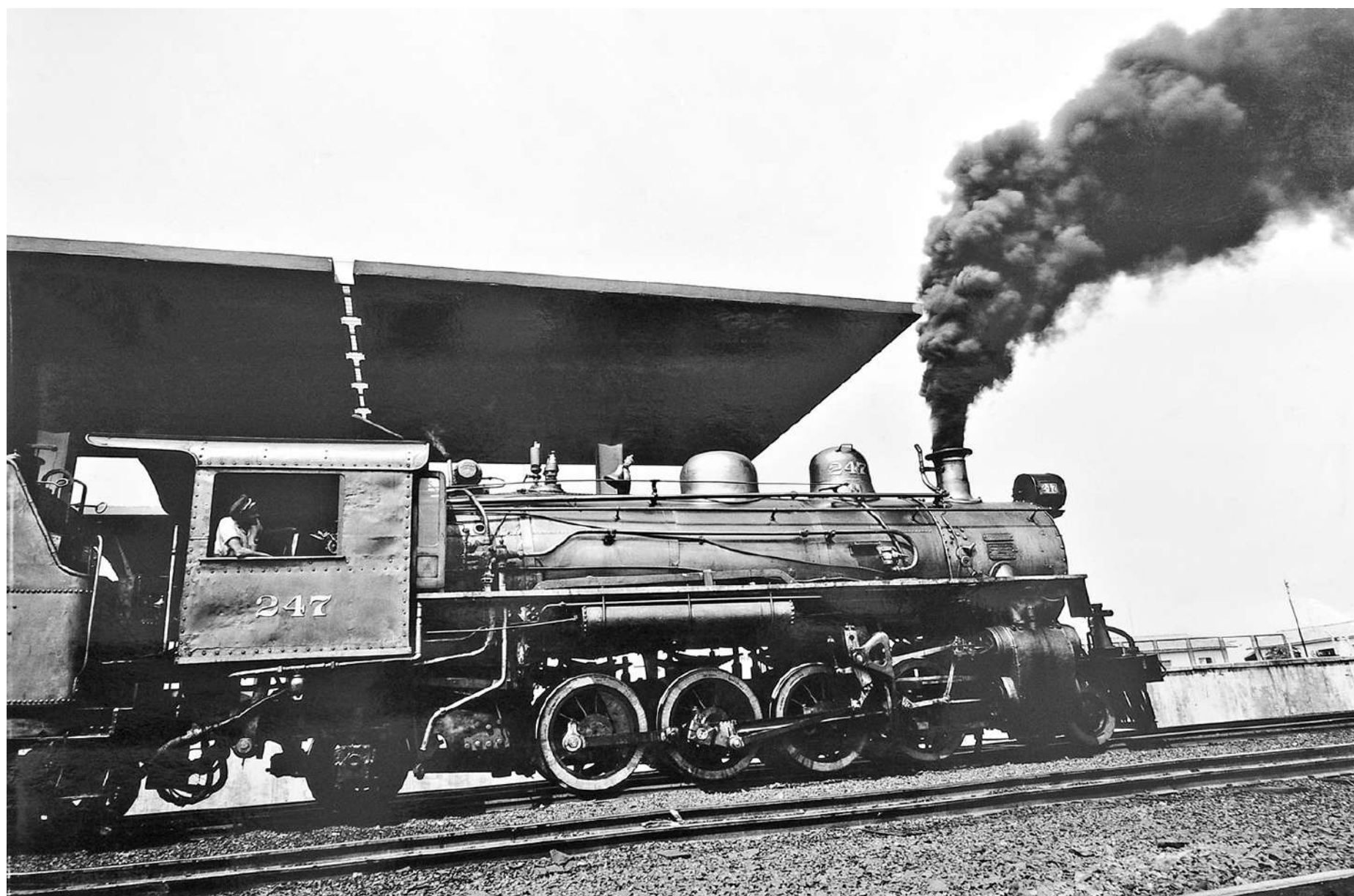
Sociedade Recreativa, vista da piscina e salão de festas



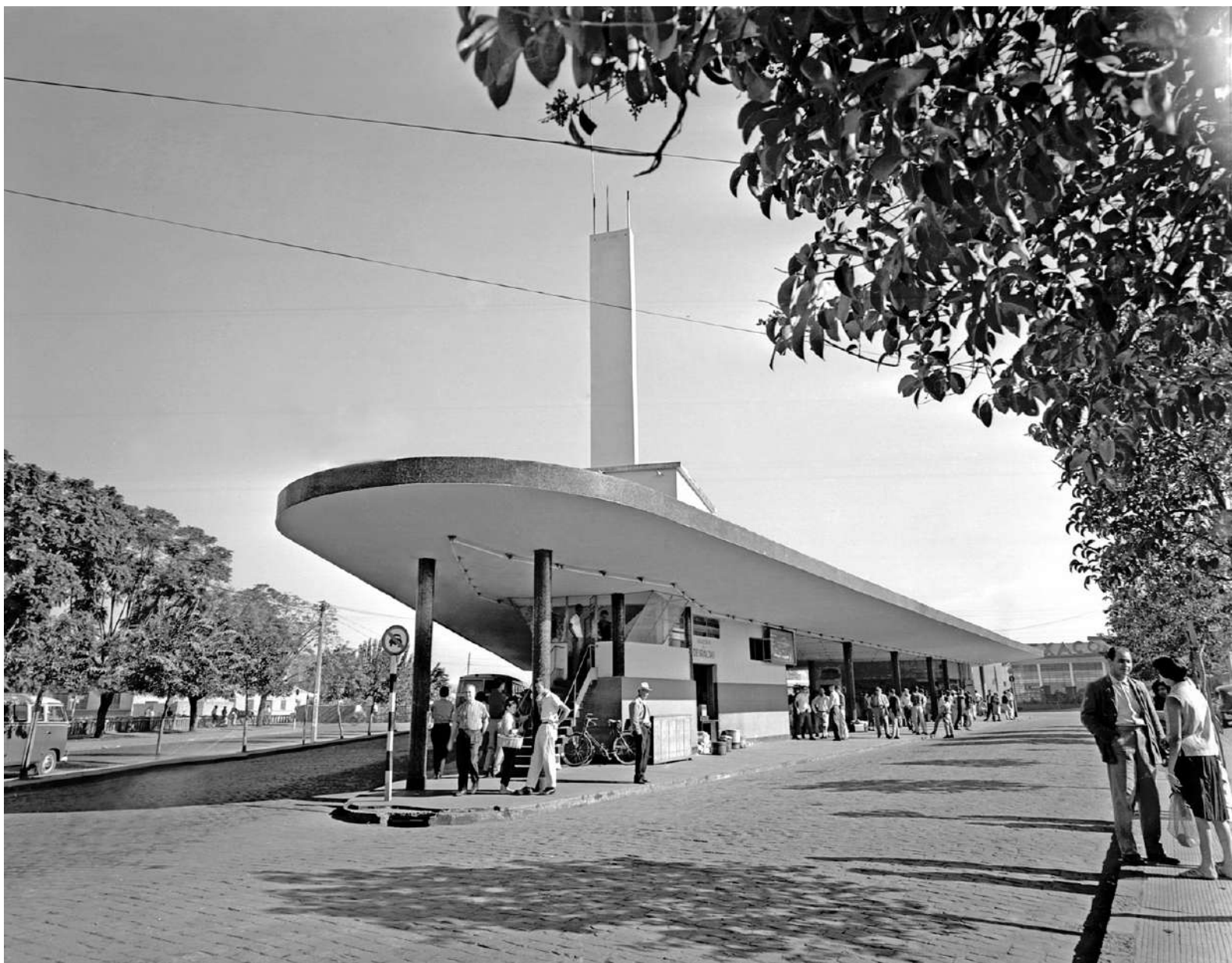
Aeroporto Leite Lopes



Estação Ribeirão Preto da Companhia Mogiana, na Av. Jerônimo Gonçalves



Locomotiva (Maria-fumaça) e desenho da Estação da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro na Av. Mogiana.



Rodoviária do Triângulo na Av. Fabio Barreto (atual Corpo de Bombeiros)



Praça XV e centro da cidade - vista aérea.



Sociedade Recreativa e centro da cidade - vista aérea



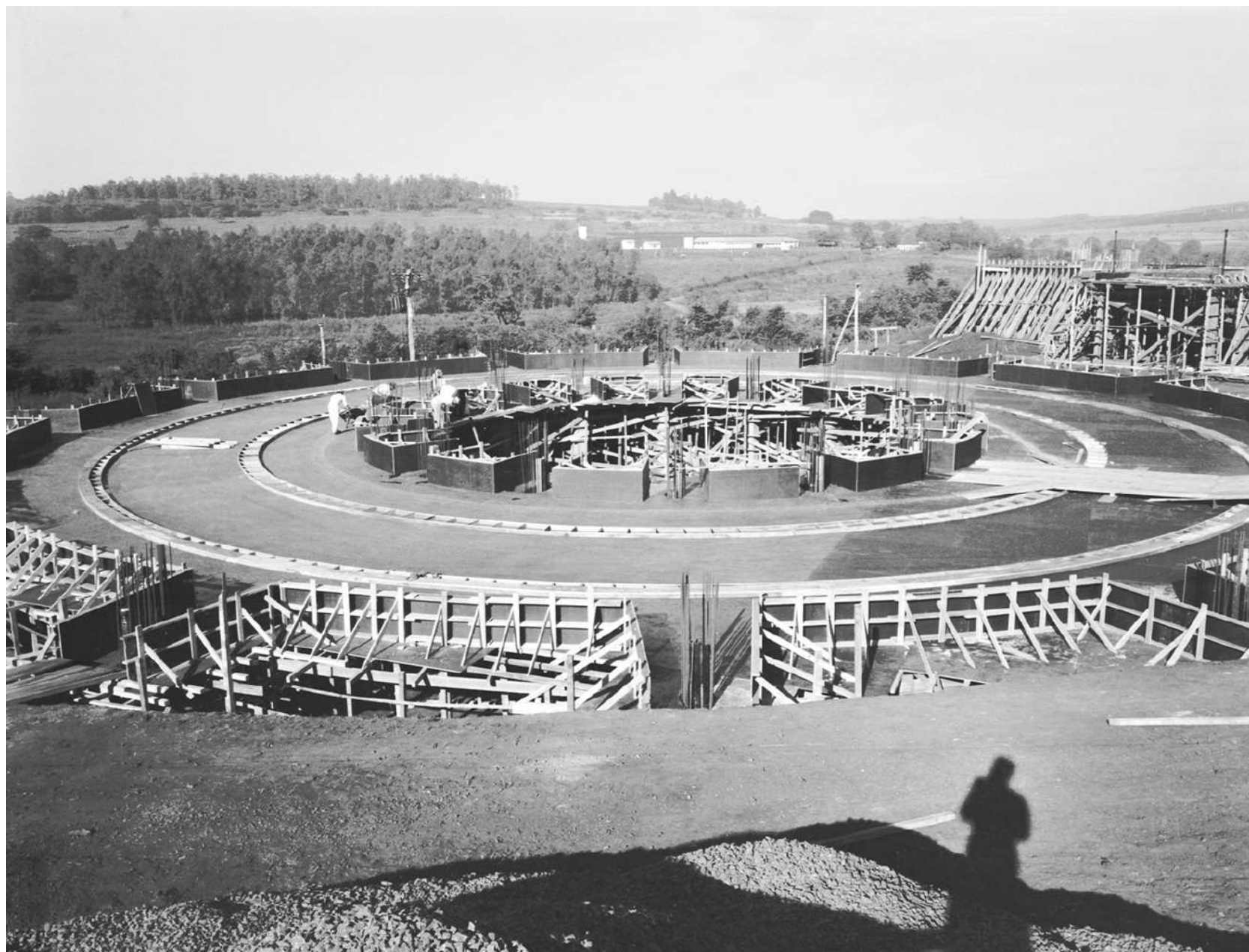
Esplanada do Teatro Pedro II



Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e obras do Hospital das Clínicas



Faculdade de Odontologia e Farmácia, no campus da USP, vista aérea



Faculdade de Odontologia e Farmácia, no campus da USP, construção dos edifícios



Hospital Santa Tereza



Santa Casa



Escola Fábio Barreto



Edifício Meira Junior



Palacete Inecchi na rua Duque de Caxias esquina com Barão do Amazonas



Socorros Mútuos – antiga sede social na Rua Florêncio de Abreu esquina com Rua Marcondes Salgado



Construção do Estádio Santa Cruz



Construção do Estádio Francisco Palma Travassos



VENHA AO S^{TA} TEREZINHA AINDA MESMO QUE CHOVA



Cine Santa Terezinha
Detalhe: Vista externa do cinema e faixa abaixo da tela



Cine Centenário



Jóquei Club, vista externa
Jóquei Club, pista de corrida



Rádio PRA-7



Posto SHELL na Rua Henrique Dumont



Posto Sumaré, na Av.Independência



A Modelar - Presentes Finos



Sociedade Legião Brasileira de Cultura e Civismo, prédio na rua Visconde de Inhaúma esquina com São Sebastião



Refrescos Ipiranga S/A, na rua Beatriz, esquina com Av. Francisco Junqueira



Cerâmica São Luiz



Asilo Padre Euclides



Igreja Santo Antônio



Cidade aérea - Vista do centro histórico de Ribeirão Preto





Lojas Americanas



Mercado Campos Elíseos, inauguração



Casa das Paineiras



Edifício Banco Itaú



Viação Cometa, na Rua Duque de Caxias



ACI - Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto



Fazenda Baixadão



Escola Alberto Santos Dumont (ao fundo)



Museu Histórico Plínio Travassos dos Santos e Museu do Café Cel. Francisco Schmidt



Bosque Fábio Barreto



Avenida Francisco Junqueira esquina com Jerônimo Gonçalves



Avenida Nove de Julho



Sesc, vista da sala de aula para cursos e oficinas de arte



Sesc, fachada do prédio



Clube de Regatas, vista da piscina



Clube de Regatas, vista aérea



Acidente de trânsito na Av. Jerônimo Gonçalves esquina com Rua General Osório



Ribeirão, vista aérea do loteamento



Estádio Luiz Pereira e Vila Tibério - vista aérea

Virtude Fotográfica

Tony Miyasaka

A virtude principal de uma fotografia é a simplicidade que a compõe. O objetivo principal deve imediatamente atrair para si a atenção do observador. Para que isto seja possível deve-se evitar qualquer elemento de estorvo, reduzindo ao mínimo indispensável a quantidade dos objetos no enquadramento. Um exemplo convincente.

Como fazer ressaltar os lindos olhos da namorada?

Fotografá-la tendo como fundo uma parede cheia de quadros ou entre um abajur e vários vasos de flores, ou enquadrando apenas o rosto com uma objetiva própria para retratos?

Observando a primeira foto, o olhar vacilaria entre os quadros e a namorada, na segunda, ela e as flores, não realçando coisa alguma. O resultado seria uma confusão total. Já na terceira foto, seus lindos olhos parecem saltar do rosto, um poema de beleza, um sonho acordado!

Artigo Publicado no
Jornal *A Cidade*
em 22 de setembro de 2002



Tereza Keiko Murakawa Miyasaka



Tony Miyasaka



Luiz Carlos Raya



Maurílio Biagi



Luiz Marino Bechelli



Alpheu Luiz Gasparini



Gavino Virdes



Hilda Mosca



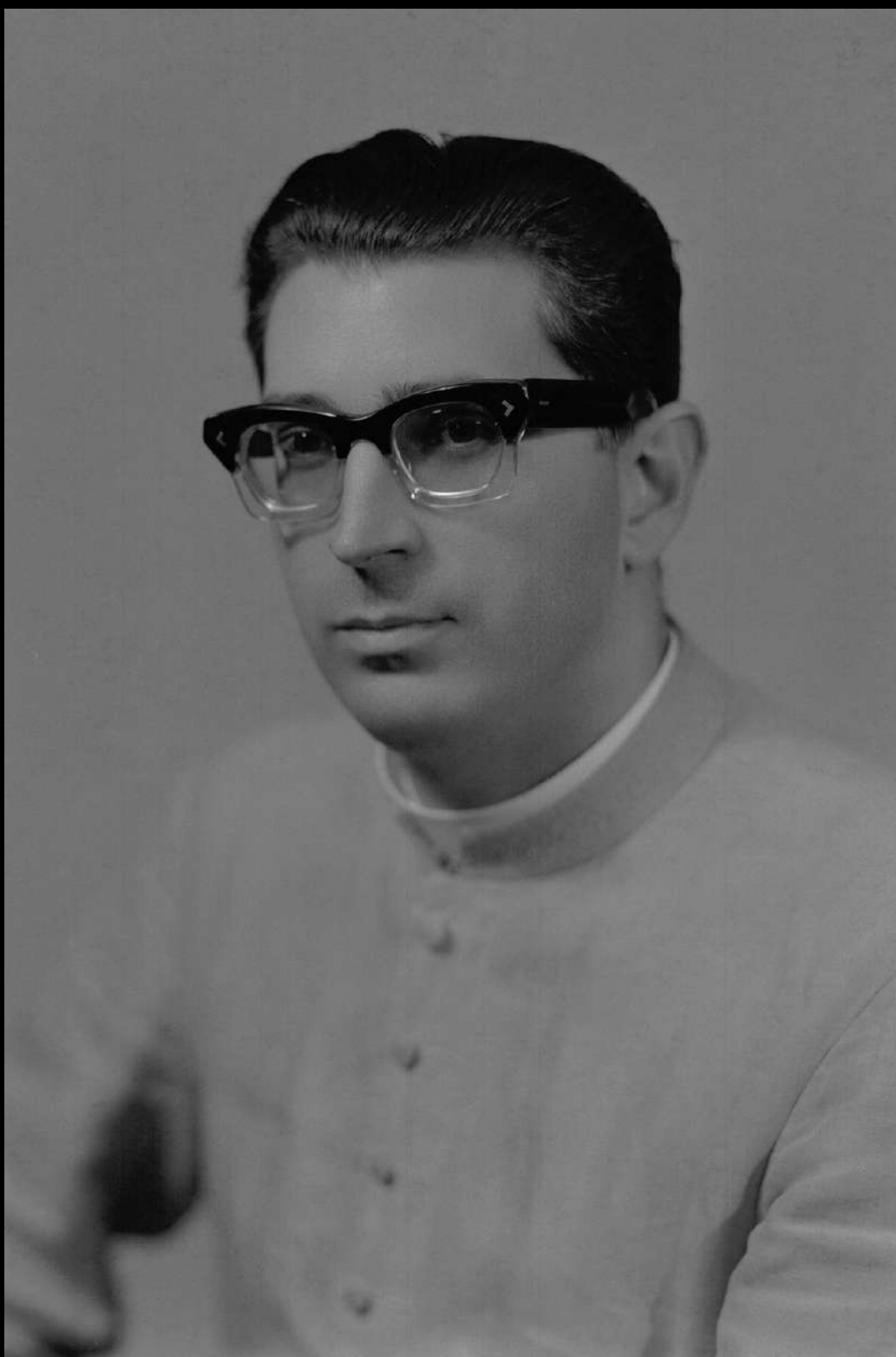
Dom Agnelo Rossi



Jovino Campos



Dom Luiz do Amaral Mousinho



Celso Ibson de Sylos (Padre Celso)



José Lima Pedreira de Freitas



Electro Bonini



Glete de Alcântara

Porque Fotografamos

Tony Miyasaka

Registrar as cenas do cotidiano, como a de uma reunião familiar no domingo, o crescimento dos filhos, os nossos passeios aos parques, as nossas viagens à pousadas, às praias, ao norte, ao sul, à Europa ou à Disney, tudo tem grande importância, pois todas as cenas são passageiras, elas não se repetem, elas se vão. O que fica são as fotografias. A expressão popular: “não há dinheiro que pague” serve bem para atribuir à fotografia o seu devido valor.

Artigo Publicado no
Jornal *A Cidade*
em 02 de novembro de 2003

CATÁLOGO



p.23_Edifício do Banco Comercial do Estado de SP (em construção), Rua Álvares Cabral e esplanada do Teatro Pedro II. Data: 1960. A direita parte do prédio do Banco Francês Italiano (1923), à frente Edifício Diederichsen onde no térreo o Bar e Restaurante Pingüim em 1943. (R19)



p.51_Catedral de São Sebastião do Ribeirão Preto e Praça da Bandeira. Na Rua Américo Brasiliense (canto inferior direito da foto) o prédio da Associação de Ensino de Ribeirão Preto (1960). A catedral foi construída entre 1904 e 1909, o projeto é de autoria de Carlos Ekman. (R55)



p.54_Avenida Jerônimo Gonçalves. Data: 1960. A avenida que margeia o ribeirão Preto foi denominada Jerônimo Gonçalves em 1897. As palmeiras foram plantadas por Max Bartsch e Cassiano Esteves, entre os anos de 1913 e 1916. (R565)



p.57_Manequim Modas, vitrine da loja. Data: 1960. Localizada no Edifício Evaristo, foi a primeira loja a vender roupas para gestantes. Nos anos 60 e 70 a loja foi varias vezes premiada em concursos de "melhor vitrine". (R139)



p.60_Frigorífico Morandi. Data: 1956. O frigorifico industrializava todos os produtos, sub produtos e resíduos de carne. Foram seus diretores: José de Magalhães, Osório Heck e Aléssio Luchezi. (R91)



p.63_Umuarana Recreio Hotel. Data: 1962. De propriedade de João Constantino Milona (grego naturalizado brasileiro) e seu filho André, o projeto do hotel foi desenvolvido pelo engenheiro Hélio Foz Jordão. (R579)



p.66_Aeroporto Leite Lopes. Data: 1960. Em 1935, no bairro Tanquinho, Juvenal Paixão abriu a primeira escola de aviação da cidade, em 1937 passou a ser dirigida por Antonio Marincek. Em 1939 Luiz Leite Lopes fundou o Aeroclube de Ribeirão Preto. (R02)



p.69_Rodoviária do Triângulo. Data: 1960. A rodoviária foi instalada inicialmente próxima ao Mercado Municipal, nos 50 e 60 funcionou na Av. Fabio Barreto, em 1976 foi inaugurado o prédio na Av. Jerônimo Gonçalves. (R588)



p.24_Cine São Paulo, fachada na rua São Sebastião e interior do cinema. Data: 1960. O cinema foi inaugurado em 1º de maio de 1937. (R48)



p.52_Posto de Serviços e Edifício ABC na rua Saldanha Marinho. Data: 1960. O edifício foi inaugurado em 1941 pela empresa Cia. Comércio Industria Antonio Diederichsen, Antigo Banco Construtor. (R06)



p.55_Cantina 605, na rua Amador Bueno esquina com Américo Brasiliense. Data: década de 1960. Neste local funcionou o Cassino Antartica e o Restaurante Sportmen, inaugurados em 1914. (R36)



p.58_Residencial Indaiá na Av. Meira Júnior, vista aérea. Data: 1960. A rua em diagonal é a João Bim e a rua à esquerda é a Tereza Cristina; no fundo o bairro Campos Elíseos. (R001)



p.61_Frigorífico Morandi, na rua Municipal. Data: 1956. Matadouro e Frigorífico Industrial fundado em 1946 por Rômulo Morandi e seus filhos Romano, Enzo e Brasilina. (R91)



p.64_Sociedade Recreativa, vista da fachada na Av. 9 de Julho. Data: 1964. A Sociedade Recreativa e de Esportes foi criada em 1906 e o seu primeiro presidente foi Cap. Antônio Pereira da Silva Jr. (R553)



p.67_Estação Ribeirão Preto da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, na Av. Jerônimo Gonçalves. Data: 1960. A estação foi inaugurada no final de 1884 de frente para a Rua General Osório, conhecida como Rua da Estação. (R134)



p.70_Praça XV e centro da cidade - vista aérea. Data: 1960. No centro da foto Praça XV e Praça da Catedral, à direita complexo da Cia. Mogiana (rotunda e armazéns) e no fundo Av. do Café. (R153)



p.50_Praça Carlos Gomes (1960). Neste local ficava o Teatro Carlos Gomes (1897) e demolido em 1946. A autoria do projeto do teatro é do arquiteto Ramos de Azevedo, sua construção foi financiada pelos ricos fazendeiros da época, tendo a frente o Cel. Francisco Schmidt. (R152)



p.53_Laguna Comércio e Industria S/A . Data: década de 1960. A empresa foi fundada em 1918 por Cyrillo Laguna. Trabalhava com serviços e venda de caminhões, tratores e máquinas agrícolas. (R126)



p.56_Manequim Modas, vista externa da loja na rua São Sebastião esquina com Visconde de Inhaúma. Data: 1960. Loja de propriedade de Antonio Costapinto Machado e Geni Barachini (Lopes), foi inaugurada em 1958. (R139)



p.59_Vila Virgínia, vista aérea. Data: década de 1960. Em primeiro plano o conjunto residencial entre a Rua Franco da Rocha, Av. Pio XII e Rua Visconde de Inhumirim. No fundo Igreja Maria Goretti e centro da cidade.



p.62_Sabonetes NM. Data: década de 1960. Exemplo de fotografia publicitária produzida pelo estúdio Foto Miyasaka. (R 559)



p.65_Sociedade Recreativa, vista da piscina e salão de festas. Data: 1964. A primeira sede social foi inaugurada em 1909, na Rua Barão do Amazonas. Em 1935 foram adquiridas as antigas instalações do Comercial Futebol Clube, na Rua Bernardino de Campos. (R553)



p.68_Locomotiva (Maria-fumaça) e desenho da Estação da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, na Av. Mogiana. Data: década de 1960. O autor do projeto é o arquiteto Oswaldo Arthur Bratke. Os destaques de obra são os 24 módulos de cobertura com 6m de altura. (R64)



p.71_Sociedade Recreativa e centro da cidade - vista aérea. Data: 1960. Em primeiro plano prédios e campo de futebol da Recreativa. A médio plano Praça Camões, Catedral e Praça da Bandeira. À esquerda complexo da Cia. Mogiana. (R553)



p.72_Esplanada do Teatro Pedro II e vista da Rua General Osório esquina com Álvares Cabral. Data: década de 1960. À direita, parte do prédio do Banco Francês Italiano e à esquerda o edifício do Umuarama Hotel (com torre), inaugurado em janeiro de 1951. (R153)



p.75_Faculdade de Odontologia e Farmácia, no campus da USP, construção dos edifícios. Data: década de 1960. O arquiteto responsável pela obra foi Savério Orlandi. (R147)



p.78_Escola Fábio Barreto na rua Amador Bueno esquina com Mariana Junqueira. Data: década de 1950. Inaugurada em 1912 como 2.º Grupo Escolar. Em 2005 o edifício foi tombado pelo CONDEPHAAT-SP. (R99)



p.81_Socorros Mútuos, sede social. Data: 1957. A Sociedade Operária União Italiana desenvolvia trabalhos de previdência e fraternidade entre os imigrantes italianos. Foi fundada em 1895, a partir da fusão de duas outras sociedades: Príncipe Amadeo e Umberto I. (R563)



p.84_Cine Santa Terezinha na Rua Barão do Amazonas. Data: 1963. Cinema de propriedade de Alcides Palma Guião. Funcionou de 1963 a 1968, após, o prédio foi sede do salão de bailes do Compadre Canarinho. (R40)



p.87_Rádio PRA-7, na Rua Barão do Amazonas, n. 35. Data: 1956. Rádio fundada em 1924. O novo prédio foi inaugurado em 28 de fevereiro de 1956. (R157)



p.90_A Modelar- Presentes Finos, na Rua General Osório n. 350. Data: década de 1950. Loja de propriedade de Amin Antônio Calil, foi uma das primeiras lojas da cidade a instalar um luminoso com gás néon, elaborado pela empresa InterLândia. (R168)



p.93_Cerâmica São Luiz na rua Municipal. Data: década de 1960. Empresa fundada por Miguel Barillari; as novas instalações da cerâmica foram inauguradas em 1948. (R49)



p.73_Faculdade de Medicina e obras do edifício do Hospital das Clínicas. Data: década de 1960. O prédio central da FM foi construído para sediar a Escola Prática de Agricultura. As obras do HC Campus foram iniciadas em 1961; o hospital foi inaugurado na década de 1970. (R133)



p.76_Hospital Santa Tereza. Data: 1960. Localizado na área da antiga Fazenda Santa Tereza, o local foi sede do Posto Zootécnico e Patronato Agrícola Regente Feijó. Em 1937 foi criado o Hospital de Psicopatas de Ribeirão Preto, originando o Hospital Santa Tereza. (R110)



p.79_Edifício Meira Junior na rua Álvares Cabral esquina com General Osório Data: década de 1960. Em 1977, no térreo, foi instalada a Choperia Pingüim 2. O nome do prédio é uma homenagem a João Alves Meira Junior, diretor da Cia. Cervejaria Paulista. (R171)



p.82_Estádio Santa Cruz do Botafogo Futebol Clube. Data: década de 1960. O estádio foi inaugurado em 21 de janeiro de 1968. (R26)



p.85_Cine Centenário em construção, na rua Barão do Amazonas esquina com rua General Osório. Data: 1956. O cinema foi inaugurado em 03 de fevereiro de 1956, durante as comemorações do 1.º Centenário de Ribeirão Preto. O projeto do prédio é do arquiteto Ijaír Cunha. (R45)



p.88_Posto SHELL na Rua Henrique Dumont. Data: década de 1960. À esquerda, estádio Palma Travassos e, à direita, mini-Rodoviária. (R166)



p.91_Sociedade Legião Brasileira de Cultura e Civismo. Data: 1960. Entidade criada em 1903 pelo Padre Euclides Gomes Carneiro, a sede foi inaugurada em 1917. Em 1965, a Biblioteca Padre Euclides passou a ocupar o primeiro andar do Edifício Padre Euclides. (R124)



p.94_Asilo Padre Euclides. Data: 1960. Fundado em 1919 como Asylo de Mendicidade, em 1920 foi inaugurado o prédio na Av. da Saudade. O projeto do prédio é de autoria de Antônio Soares Romeo. Em 1922 passou a ser chamado Asilo Padre Euclides. (R08)



p.74_Faculdade de Odontologia e Farmácia, no campus da USP, vista aérea. Data: década de 1960. A construção foi iniciada em 1961, e entre os anos de 1971 e 1975, foram instalados os cursos de Odontologia e Farmácia. (R147)



p.77_Santa Casa. Data: 1960. Inaugurada em 1896 como Sociedade Beneficente, os primeiros pavilhões foram construídos entre 1902 e 1908. A denominação de Santa Casa de Misericórdia foi oficializada em 1910. (R582)



p.80_Palacete Innechi na rua Duque de Caxias esquina com Barão do Amazonas. Data: 1960. Prédio de propriedade de Paschoal Innechi, foi projetado em 1929 por Gustavo Pujol Júnior. Nesse local funcionou a Escola de Enfermagem. (R66)



p.83_Estádio Francisco Palma Travassos do Comercial Futebol Clube. À direita rua Henrique Dumont e ao fundo, antiga pedreira (atual residencial Jardim das Pedras). Data: 1962. O estádio foi inaugurado em 14 de outubro de 1964. (R196)



p.86_Jóquei Clube. Data: déc 1960. O autor do projeto de construção foi o engenheiro Jorge Fagnani de Mattos. Em dezembro de 1953 foram iniciadas as obras de construção do hipódromo e de vinte e oito cocheiras. O primeiro presidente do Clube foi Thomaz Alberto Whately. (R120)



p.89_Posto Sumaré, na Av. Independência. Data: 1960. O bairro Jardim Sumaré foi fundado em 1948 por Nilton Ferreira da Rosa e João Nutti, nas terras da antiga fazenda de propriedade de José Fernandes, conhecido como Zé Espanhol. (R160)



p.92_Refrescos Ipiranga S/A, fabricante da Coca-Cola. Data: 1960. Fundada em 1948 por um grupo de empresários, em 1950, Maurílio Biagi assumiu o comando da empresa. Em 1955 a empresa inaugurou novas instalações na rua Beatriz, esquina com Av. Francisco Junqueira. (R38)



p.95_Igreja Santo Antônio. Data: 1960. Localizada no bairro Campos Elíseos, a igreja é administrada pelos monges Beneditinos Olivetanos. O projeto de construção é de 1922. Em 1947, a igreja foi elevada à categoria de paróquia. (R589)

CATÁLOGO



p.96_Vista do centro histórico de Ribeirão Preto: Praça da Catedral, Praça XV, Bosque Municipal e Cava do Bosque. Data: 1967. Em 1950 foram iniciados estudos para construção do ginásio de esporte municipal. Em 1952, no governo do Cel. Condeixa, foi construída a Cava do Bosque. (R35)



p.99_Mercado Campos Eliseos, inauguração (1958). Na Rua São Paulo n. 1.145, a construção atravessava o quarteirão em direção à Av. da Saudade, onde estava localizada a Rodoviária Campos Eliseos. Na foto: Costábile Romano, Bassano Vaccarini, Orestes Lopes de Camargo, entre outros. (R140)



p.102_Viação Cometa, fachada do prédio na Rua Duque de Caxias. Data: 1960. Empresa de propriedade de Tito Macioli foi concessionária de transporte coletivo da cidade de 1954 a 1984. (R568)



p.105_Escola Alberto Santos Dumont, ao fundo. Em primeiro plano, aspecto rural da área circunvizinha. Data: 1958. A escola foi inaugurada em 1957 com a presença do então governador Jânio Quadros. (R101)



p.108_Av. Francisco Junqueira esquina com Jerônimo Gonçalves. Data: fevereiro de 1963. O nome da Av. Francisco Junqueira é uma homenagem ao fazendeiro e político Francisco da Cunha Junqueira. Em 1897 a avenida se chamava Dr. Cesário Motta e, em 1927, Av. do Café. (R564)



p.111_Sesc, fachada do prédio. Data: 1962. Centro Social Antônio Carlos de Assumpção construído na Rua Tibiriçá entre a Av. Francisco Junqueira e a Rua Visconde do Rio Branco. O arquiteto responsável foi Oswaldo Corrêa Gonçalves. (R577)



p.114_Acidente de trânsito na Av. Jerônimo Gonçalves esquina com Rua General Osório. Data: 1960. O nome General Osório é uma homenagem a Manuel Luís Osório, patrono da Cavalaria do Exército do Brasil. (R568)



p.97_Vasp, sede da empresa em Ribeirão Preto. Data: década de 1950. A VASP foi pioneira em vôos regulares para Ribeirão Preto. A primeira viagem comercial foi em 04 de março de 1934 com o avião bi-motor Monespar, pilotado por João Baumgartf. (R594)



p.100_Casa das Paineiras. Data: 1960. Localizada na Rua Bernardino de Campos, a Casa das Paineiras, marca o início das construções modernistas em Ribeirão Preto, com características organicistas que remetem às obras do arquiteto Frank Lloyd. Projeto é do arquiteto Ijair Cunha. (R47)



p.103_ACI na rua Visconde de Inhaúma esquina com São Sebastião. Data: 1955. A ACI foi fundada em 1904 e José Osório de Siqueira foi seu primeiro presidente. A nova sede, denominada Palácio do Comércio e Indústria, foi inaugurada em 8 de agosto de 1954. (R12)



p.106_Museu Histórico Plínio Travassos dos Santos e Museu do Café Cel. Francisco Schmidt. Data: 1960. O prédio do Museu Histórico foi construído nos anos 1870 por João Franco de Moraes Octávio, proprietário da Fazenda Monte Alegre. (R142)



p.109_Avenida Nove de Julho, vista a partir da rua Barão do Amazonas. Data: década de 1960. Inaugurada em 1922 sob a denominação de Av. Independência. No ano de 1934, passou a se chamar Nove de Julho. (R03)



p.112_Clube de Regatas, vista da piscina. O clube foi instalado em 1938 numa área da fazenda São Francisco, entre os anos 1960 e 1990, foram adquiridas terras da fazenda Rio Pardo, totalizando uma área de 403 mil metros quadrados. Data: 1960. (R53)



p.115_Ribeirão, vista do loteamento (1960). Em 1962, Francisco de Almeida vendeu a fazenda Retiro Saudoso para Miguel Cury. Idealizado como um bairro norte-americano, com áreas verdes e sem muros, foi implantada pela INORP – Imobiliária Nova Ribeirão Preto. (R191)



p.98_Lojas Americanas, interior. Data: 1960. A empresa foi fundada pelos americanos John Lee, Glen Matson, James Marshall e Batson Borger. A primeira loja no Brasil foi inaugurada em 1929, na cidade de Niterói (RJ), com o slogan "Nada além de 2 mil réis". (R123)



p.101_Edifício Banco Itaú. Data: 1960. Situado na Rua Álvares Cabral o projeto do edifício ficou a cargo de Leandro Dupré Ltda. (R81)



p.104_Fazenda Baixadão (1960). Em 1998 a fazenda Aliança Baixadão de Antônio Cândido Paiva foi comprada pela PMRP para a construção de habitações (Paiva I e II). A fazenda tem importantes elementos de interesse: nascentes, tulha e terreiro de café, etc. (R89)



p.107_Bosque Fábio Barreto (1960). Em 1907, a Câmara Municipal adquiriu a Mata do Morro do Cipó, integrante da Chácara Olympia. Em 1937, o prefeito Fábio de Sá Barreto implantou o Bosque Municipal, em 1995 nomeado Parque Municipal do Morro do São Bento. (R28)



p.110_Sesc, vista da sala de aula para cursos e oficinas de arte. Data: 1962. Instalado na cidade em 1947, oferecia, inicialmente, cursos de pintura, modelagem, decoração, etc. (R577)



p.113_Clube de Regatas, vista aérea. Data: 1960. Chamado, inicialmente, de Clube de Regatas e Natação Rio Pardo, foi fundado em 1933. O seu primeiro presidente foi Alcides de Araújo Sampaio. (R53)



p.116_Estádio Luiz Pereira e Vila Tibério - vista aérea (1958). Fundação 1918, a partir da união dos times União Paulistano, Ideal Futebol Clube e Tiberense, em 1921 foi adquirido um terreno para construção do estádio do Botafogo FC. (R26)



p.118_Tereza Keiko Murakawa Miyasaka. Filha de Massanoske Murakawa e Sadako Yamada Murakawa, nasceu em Motuca-SP em 04/04/1935. Passou a infância no sítio onde a família, onde frequentou a escola rural. Casou-se com Tony Miyasaka em 20 de setembro de 1959, em cerimônia na Catedral de São Sebastião. Diplomada em contabilidade sempre foi o braço direito do marido.



p.119_Tony Miyasaka (Miyuki Miyasaka). Naturalizado brasileiro, atuou como profissional de fotografia durante toda a vida. Entre 1950 a 1970 trabalhou como repórter fotográfico. Em 1960 introduziu a fotografia colorida na reportagem e no estúdio. Em 1970 encerrou as atividades de repórter, montando loja de artigos fotográficos e o primeiro laboratório de revelações automática do interior. Foi membro da Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto, na cadeira 51 - patrono Romildo Cantarelli. Após o seu falecimento, a ALARP inaugurou uma nova cadeira com seu nome.



p.120_Luiz Carlos Raya. Nascido em Rio Claro-SP formou-se médico em 1960 pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde foi docente de Pediatria. Foi Secretário Municipal da Saúde de Ribeirão Preto, por duas vezes e Presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras. Publicou dezenas de trabalhos e foi ainda colaborador dos jornais: Diário da Manhã, O Diário, A Palavra, Contudo, etc. (R445)



p.121_Maurílio Biagi (1914-1978). Filho dos imigrantes italianos Pedro Biagi e Eugenia Viel, nasceu no sítio Vargem Rica em Pontal-SP. Junto com seu pai e irmãos deu início a várias empresas que auxiliaram o desenvolvimento de Ribeirão Preto e região. Criou e incentivou diversos empreendimentos ligados à produção de açúcar e álcool; foi também um dos grandes promotores de programas de combustíveis renováveis. Foi casado com Edilah Lacerda Biagi. (R459)



p.122_Luiz Marino Bechelli (1912-2004). Nascido em Piramóbia-SP, em 1928 ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1934, foi nomeado médico do Departamento de Profilaxia da Lepra e, em 1961, ingressou na FMRP. Trabalhou por dez anos na OMS, em Genebra. Expõe da dermatologia brasileira, contribuiu enormemente para estudos da hanseníase. Casado em primeiras núpcias com Laura de Campos e, em segundas, com Maria Helena Machado. (R449)



p.123_Alpheu Luiz Gasparini (1927-1976) Natural de Batatais -SP, foi Auditor da Secretaria da Fazenda do Estado e Inspetor Escolar e vereador em São Joaquim da Barra e Batatais. Em Ribeirão Preto foi professor da Escola Fábio Barreto e Secretário Municipal de Educação e Cultura; durante a sua gestão foram construídos os teatros de Arena e Municipal e a Casa da Cultura. Foi também Deputado Estadual e Federal. (R218)



p.124_Gavino Virides (1918-1966). Em 1935 ingressou na imprensa, trabalhou nos jornais Diário da Manhã, O Diário, A Cidade e Diário de Notícias; foi também diretor da sucursal da Gazeta de SP. Eleito Vereador por dois mandatos e conselheiro da Associação Paulista de Municípios. Na rádio PRA-7 foi redator e comentarista. Foi casado com Miriam de Lourdes Virides. (R351)



p.125_Hilda Mosca (1918-1998). Natural de Ribeirão Preto, filha de Salvador Mosca e Dormélia de Souza Mosca. Dedicou sua vida à educação ocupando o cargo de Secretária Geral da Instituição Universitária Moura Lacerda desde os primórdios da sua fundação. (R383)



p.126_Dom Agnelo Rossi. Nascido em 1913 em Campinas -SP, estudou em Valinhos e em Roma. Em 1962 foi nomeado Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto, onde criou as paróquias de Bom Jesus da Lapa, Bento Quirino, entre outras. Em 1964 deixou Ribeirão Preto para assumir o cargo de Arcebispo de São Paulo. (R202)



p.127_Jovino Campos (1927-1982). Natural de Ribeirão Preto, filho de Altino Campos e Mara Riovoilo Campos. Foi funcionário dos Correios e da empresa Real Transporte Aéreo em São José do Rio Preto/SP. Em Ribeirão Preto trabalhou como jornalista, atuando nos principais jornais da cidade e na rádio PRA - 7. Foi Vereador Suplente nas legislaturas de 1956 a 1959 e 1960 a 1963, assumindo o cargo de Vereador em diversas ocasiões. Trabalhou na rádio Cultura e Rádio Globo em São Paulo. (R424)



p.128_Dom Luiz do Amaral Mousinho (1912-1962). Nascido em Timbaúba-PE, estudou em Olinda e em Roma. Foi Bispo Diocesano nomeado em 1952 e primeiro Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto entre os anos de 1958 e 1962. Apoiou a atuação da Igreja junto às comunidades rurais da região em 1960. (R442)



p.129_Celso Ibson de Sylos (Padre Celso). Nascido em 1928 na cidade de São José do Rio Pardo, foi Diretor do jornal Diário de Notícias a partir de 1956. Em 1960 recebeu a incumbência do Arcebispo Dom Luiz do Amaral Mousinho para atuar no setor rural. No ano de 1963 foi um dos líderes e incentivadores da passeata da Frente Agrária ocorrida em Batatais; as manifestações reivindicavam a sindicalização e conquista de direitos dos trabalhadores rurais. Deixando o sacerdócio atuou como professor. Foi Vereador em Ribeirão Preto entre 1969 e 1973. (R287)



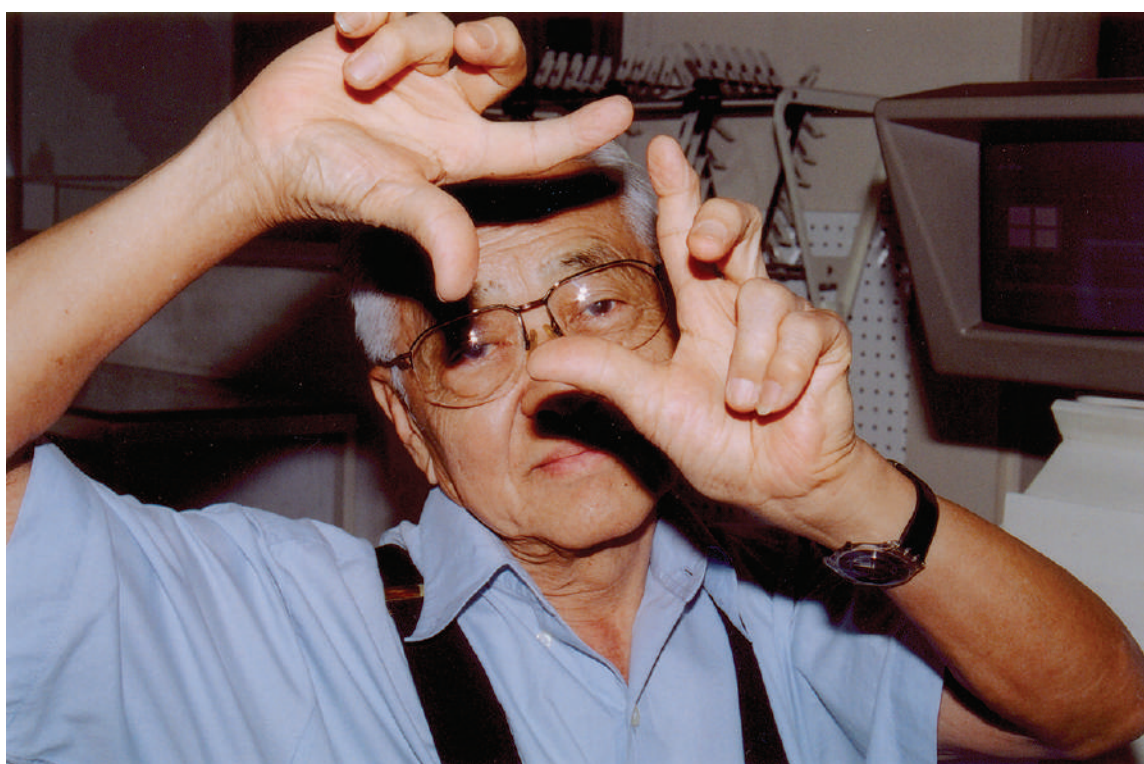
p.130_José Lima Pedreira de Freitas (1917-1966) Diplomou-se médico em 1941 e, em 1951 foi contratado como professor da cadeira de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Como pesquisador contribuiu com estudos sobre a moléstia de Chagas, instalando em Cássia dos Coqueiros um núcleo permanente de observação da doença e experimentação dos métodos de sua profilaxia. Sua atividade foi pioneira na reforma da educação médica introduzindo a preocupação com aspectos preventivos da medicina. Foi casado com Gilda Marcondes Pedreira de Freitas. (R414)



p.131_Electro Bonini. Diplomado pela Escola de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, em 1959, juntamente com sua esposa Maria Aparecida de Oliveira Bonini tornou-se sócio da AERP - Associação de Ensino de Ribeirão Preto. Em 1960 iniciou uma série de melhorias na instituição criando a Escola Normal e as faculdades de Direito (1961), de Serviço Social (1962), de Administração de Empresas (1968), de Química (1969), entre outras. Em 1972 a AERP foi instalada no campus da Ribeirão e nomeada UNAERP; reconhecida em 1985 como universidade. (R318)



p.132_Glete de Alcântara (1910-1974). Natural de São Sebastião do Paraíso - MG cursou a Escola de Enfermagem de Toronto no Canadá. Estruturou a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, onde foi a primeira Diretora em 1953, cargo que exerceu até 1971. Foi a primeira Enfermeira a receber o título de Professora Catedrática da América Latina.



Tony Miyasaka
Data: 2003
Fotógrafa: Francine Micheli

